

Virginia Woolf
O tempo passa

Michel Serres
James M. Haule
Tomaz Tadeu

autêntica





Virginia Woolf

Michel Serres

James M. Haule

Tomaz Tadeu (org.)

O tempo passa

tradução e notas

Tomaz Tadeu

Edição bilíngue

autêntica

O tempo passa

Virginia Woolf



I

Escurecia. Nuvens cobriam a lua; uma chuva fina tamborilava no telhado nas primeiras horas da manhã, e a luz das estrelas e a luz da lua e toda a luz do céu e da terra se apagara. Nada podia sobreviver ao dilúvio, ao derramamento, à tromba d'água de imensa escuridão que, insinuando-se pelos buracos das fechaduras e pelas frestas, metia-se pelas venezianas, atingia os quartos, e engolia, aqui um jarro e uma bacia, ali um vaso com dalias rubras e amarelas, acolá as agudas quinas e o sólido corpo de uma cômoda. Não era só a mobília que se desintegrava; não restava quase nada de mente ou corpo pelo qual se pudesse dizer “isto é ele” ou “isto é ela”; mas dos muitos corpos que jaziam dormindo, quer nas rígidas posições dos velhos passivamente dobrados nas dobras da cama, quer descontraidamente deitados, quase descobertos, feito crianças, como se uma nuvem tivesse lentamente se curvado sob eles, erguiam-se, para irromperem prateados na superfície, pensamentos, sonhos, impulsos, sobre os quais os adormecidos, de dia, nada sabiam. Ora uma mão se erguia como que para segurar alguma coisa ou talvez para se defender de alguma coisa; ora a angústia, que está proibida de gritar por consolo, apartava os lábios dos adormecidos; de quando em quando alguém se ria às gargalhadas, como que compartilhando uma anedota com o nada.

Parecia quase como se devesse haver confidentes espectrais à volta, comparsas, consoladores, que, inclinados à beira do leito, gravemente entesouravam e engolfavam nas dobras de seus casacos, em seus compassivos corações, o que era murmurado e lastimado, aceitavam e compreendiam aquelas mudanças, da tortura à calma, do ódio à indiferença, que vinham e iam embora e retornavam aos rostos dos adormecidos. Parecia, ao menos, como se cada um buscasse e encontrasse, parado ao pé de seu leito, o comparsa de seus atos, a contraparte de seus pensamentos, encontrasse no sono uma completude que lhe era negada de dia, e àquele lamentava-se e àquele fazia confidências e risse o riso selvagem e insensato que, tivessem os despertados escutado, lhes teria causado espanto. A cada um o seu comparsa, a cada pensamento a sua resposta, e, nesse conhecimento, satisfação – podia ser isso. Podia ser que,

sonhando e dormindo, cada um se livrasse da carga e do incômodo da carne e deixasse a casa e palmilhasse a praia e perguntasse à onda e ao céu: isso é tudo, a mobília de quinas agudas, e a flor; isso é tudo, o dia; é nossa obrigação para com o dia?

As ondas quebrando pareciam a noite jogando a cabeça para trás e deixando, desesperadamente, cair a sua escuridão, e meditando e pranteando como se lamentasse a fatalidade que afogava a terra e extinguia suas luzes e de todos os navios e vilarejos nada deixava restar. A onda varre a praia; a noite pranteia o infortúnio humano; a beleza do mar consola; assim o vento pode ter respondido aos adormecidos, aos sonhadores que palmilhavam a areia perguntando: Por que nos embrulhar na beleza do mar, por que nos consolar com o lamento das ondas quebrando, se, em verdade, tecemos essa roupa por puro terror, urdimos essa vestimenta para nada?

II

Entrementes, nada se mexia na sala de visitas, ou na sala de jantar, ou na escadaria. Apenas, através das dobradiças enferrujadas e do madeirame inchado pela umidade marítima, certos ares, apartados do corpo do vento, insinuavam-se pelos cantos e aventuravam-se casa adentro. Quase se podia imaginá-los perguntando, querendo saber, enquanto testavam, delicadamente, as pontas do papel de parede descolado – iria ele, pareciam perguntar, se sustentar por muito mais tempo; quando iria cair? Depois, suavemente varrendo as paredes, passavam adiante, meditativamente, como se perguntando às flores rubras e amarelas do papel de parede se elas iriam desbotar, e interrogando (calmamente – tinham tempo de sobra) as cartas rasgadas na cesta de lixo de papéis, as flores, os livros, todos os quais estavam agora abertos para eles, em comunhão com eles, e suavemente iluminados, de quando em quando, por um raio vindo do farol. Vagando assim pelos quartos e atingindo a cozinha, eles pararam para fazer à mesa e às caçarolas de cabo de prata ordenadamente enfileiradas na prateleira, a mesma pergunta; por quanto tempo *elas* aguentariam, de que natureza eram elas? Eram elas feitas de vento e chuva, aliadas, com as

quais, na escuridão, vento e chuva podiam comungar? Resistiriam elas? O tempo mostraria.

Assim, a luz servindo-lhes de guia, com suas pálidas passadas, pelos degraus da entrada, pelo capacho, pela parede, os pequenos ares passavam, paravam, subiam as escadas, farejavam as portas dos quartos. Aqui, podia-se pensar, eles seguramente deviam se deter. Não importando o que mais possa perecer e desaparecer, o que repousa aqui é inabalável. Aqui, podia-se dizer a essas deslizantes luzes sobre o teto, a esses cinzentos ares da meia-noite que se inclinam até mesmo sobre o leito, aqui, vocês não podem tocar nem destruir. Diante do quê, cansadamente, espectralmente, como se tivessem dedos da leveza da pluma e a leve persistência da pluma, eles contemplariam, uma única vez, os olhos fechados e as mãos frouxamente entrelaçadas, e dobrariam as vestimentas deles, cansadamente, e desapareceriam.

Retiraram-se agora (mas, afinal, logo seria inverno) para a janela junto à escadaria, que eles roçaram e tatearam; sacudiram uma lamparina errante, no andar de cima, no quarto dos criados, por entre baús nos sótãos; desceram para agitar os sobretudos fora da sala de jantar; para meditar por entre as maçãs sobre a mesa, para descorar seu vermelho e morder sua firmeza – como se poderia tirar-lhes o brilho? –, depois chegaram às rosas no vaso e tentaram, ali também, com sua vápida inabilidade, descobrir como uma pétala podia ser separada da outra, como o caule podia ser intumescido, a palidez, tingida, puseram à prova o quadro sobre o cavalete e varreram o capacho e sopraram um resto de areia do assoalho.

Por último, desistindo, como espiões chamados de volta ao quartel-general, se reuniram no meio do vestíbulo. Pararam todos juntos; suspiraram todos juntos; deixaram todos juntos escapar uma inútil rajada de lamentação à qual alguma porta na cozinha replicou; abriu-se de par em par; não deixou entrar nada; bateu com força para o lado de fora. Fez-se silêncio.

Então, como se para revigorar os declinantes poderes de destruição, espalharam as vestimentas deles, se levantaram e o vento se levantou e as ondas se levantaram e pela casa inteira levantou-se uma sombria onda de

fatalidade que se encrespou e tombou ruidosamente e a terra toda parecia desmoronar e ser arrastada pelas águas.

III

Mas o que é, afinal, uma noite? Um curto espaço, especialmente quando a escuridão diminui tão cedo, e tão cedo um pássaro chilreia, um galo canta ou um verde desmaiado se aviva, como uma folha revirada no oco de uma onda. A noite, entretanto, sucede à noite. O inverno guarda uma boa safra delas em estoque e as distribui igualmente, imparcialmente, com dedos infatigáveis. Elas aumentam; elas escurecem. Algumas delas mantêm no alto planetas límpidos, placas de luminosidade. As árvores outonais, devastadas como estão, trajam o clarão de bandeiras esfarrapadas ardendo na escuridão dos frios porões de catedrais onde letras douradas e páginas de mármore descrevem a morte na batalha e contam como, muito longe, os ossos desbotam-se e queimam nas areias indianas. As árvores outonais cintilam à luz amarela do luar, à luz das luas de colheita,¹ a luz que suaviza a energia do trabalho, e amacia o restolho, e traz a onda batendo toda azul na praia.

Parecia agora como se, tocada pela penitência humana e toda sua labuta, a bondade divina tivesse corrido a cortina e exibido, atrás dela, únicos, distintos, a lebre à espreita, a onda quebrando, o barco ondulando, os quais, se os merecêssemos, deveriam ser sempre nossos. Mas, aí – a bondade divina, puxando o cordão, cerra a cortina; isso não lhe agrada; ela cobre os seus tesouros sob uma enxurrada de granizo, e de tal forma os rompe, de tal forma os desintegra que parece impossível que sua calma alguma dia retorne, ou que de seus fragmentos possamos, algum dia, recompor o todo, a verdade. Pois nossa penitência merece um vislumbre apenas, nossa labuta, uma pausa apenas.

As noites estão agora cheias de vento e destruição; as árvores cedem e se curvam e suas defloradas folhas voam a torto e a direito até cobrirem todo o gramado e acabarem aos montes nas bocas de lobo e entupirem os bueiros e inundarem as úmidas trilhas. O mar também se agita e rebenta, e caso alguma alma fugida, algum adormecido, imaginando que, no sono, pegou a mão de um comparsa, caminhe pela beira do mar, nenhuma

imagem, com divina presteza e ar de ajuda, acorre prontamente para trazer a noite à ordem e fazer o mar refletir a bússola da alma. Ele pode palmilhar continuamente a praia da meia-noite, mas a mão encolhe-se em sua mão; a voz grita em seu ouvido. É quase inútil, se poderia pensar, fazer à noite, nessa confusão, estas perguntas: o quê, por quê? que tiraram o adormecido de seus sonhos, e o fizeram sair correndo em direção às ondas, para buscar, parecia, um consolador.

Agora, outra vez, por estar o outono bem adiantado, era possível atacar a casa. Todas as camas estavam vazias; os ares extraviados, espiões, guarda-avançada de grandes exércitos, roçavam colchões nus e, à medida que beliscavam e molhavam e sopravam por todos os lados, não encontravam nada que lhes resistisse inteiramente, mas apenas tapeçaria pendurada que ficava batendo, madeira que rangia, os pés nus das mesas, caçarolas e porcelanas já encrostadas, manchadas, partidas. Aquelas coisas que as pessoas tinham tirado e deixado para trás – um par de sapatos, um boné de caça, algumas camisas desbotadas e casacos em guarda-roupas –, apenas essas conservavam a forma humana e no vazio indicavam como outrora estiveram recheadas e animadas; como outrora as mãos estiveram ocupadas com ganchos e botões; como outrora o espelho estampara um rosto, inclinado, olhando; estampara um mundo cavado no qual uma figura se virava, uma mão gesticulava, a porta se abria, crianças entravam; correndo e caindo; saíam de novo. Agora, dia após dia, a luz voltava, como uma flor refletida na água, sua imagem nítida sobre a parede oposta. Apenas as sombras das árvores, florescendo ao vento, faziam reverência sobre a parede, e, por um instante, ensombrecia a poça em que a luz se refletia; ou os pássaros, voando, faziam uma suave mancha adejar ao longo do assoalho do quarto.

Assim, a beleza reinava e a quietude reinava e juntas compunham a forma da beleza mesma, uma forma da qual a vida se retirara; solitária como uma poça de tardezinha, muito longe, vista de uma janela de trem, desaparecendo tão ligeiro que a poça, pálida na tardezinha, mal e mal é subtraída de sua solidão, apesar de ter sido vista uma vez. A quietude e a beleza apertaram-se as mãos no quarto; entre os jarros com suas mortalhas e as cadeiras revestidas, nem mesmo a prece do vento, o delicado nariz dos

úmidos ares marinhos, roçando, farejando, iterando e reiterando suas perguntas – “Irão vocês extinguir-se? Irão vocês perecer?” – conseguem perturbar esta paz, esta indiferença, este ar de integridade, em que não há qualquer compromisso, em que a verdade estava descoberta, como se a pergunta que faziam não precisasse de nenhuma resposta: nós permanecemos.

Nada parecia conseguir quebrar esta imagem, corromper esta inocência, ou perturbar o oscilante manto de silêncio que, semana após semana, na sala vazia, tecia em si mesmo os gorjeios cadentes dos pássaros, os navios apitando, o zumbido e o zunzum dos campos, o uivo de um cão, o grito de um homem, e os drapeava em volta da casa em silêncio. Apenas uma vez, uma tábua saltou no patamar; apenas uma vez, no meio da noite, com um estrondo, com um rasgão, tal como, após séculos de repouso, uma rocha se desprende da montanha e cai ruidosamente no vale, uma dobra do xale se afrouxou e ficou balançando. Então a paz voltou a descer; e a sombra tremulou; a luz curvou-se em adoração à sua própria imagem sobre a parede do dormitório e demorando-se, misturou-se ao luar e à água e ao silêncio.

De repente, rasgando o véu de silêncio com mãos acostumadas à tina de lavar roupas, triturando-o com botinas que haviam esmagado o cascalho, a velha Sra. McNab chegou, tal como fora instruída, para abrir todas as janelas e espanar os quartos.

IV

Enquanto capengava (pois ela balançava como um navio no mar) e olhava atravessado (pois seus olhos não olhavam diretamente para nada, mas com um olhar de esguelha que desaprovava o desdém e a raiva do mundo – ela era estúpida, ela sabia), enquanto segurava os corrimões e se erguia escada acima e balançava de quarto em quarto, ela cantava. Roçando o vidro do longo espelho e olhando de esguelha para sua ondulante imagem, um som saía-lhe dos lábios – algo que fora, talvez, divertido no palco, há vinte anos, que fora cantarolado e dançado, mas agora, vindo da zeladora desdentada e entoucada, era destituído de sentido, era como a voz da estupidez, do risível, da própria persistência, recalcada

mas surgindo novamente, de maneira que, enquanto capengava, espanando, enxugando, ela parecia dizer como era uma longa lida e labuta, como era só levantar-se e ir para a cama de novo, e tirar as coisas e guardá-las de novo. Não era fácil ou agradável este mundo que ela conhecera por quase oitenta anos. Envergada de cansaço era como estava. Por quanto tempo, perguntou ela, ringindo e resmungando, ajoelhada sob a cama, espanando as tábuas, por quanto tempo isso vai durar? mas às custas pôs-se em pé, ajeitou-se e, novamente, com o olhar de esguelha que fugia e se afastava até de seu próprio rosto, e de suas próprias desgraças, postou-se boquiaberta diante do espelho, na verdade sorrindo, e recomeçou o velho andar arrastado e capenga (levantando capachos, depositando porcelanas), encostando o ossudo peito contra o áspero espinho² e concedendo, enquanto endireitava a cadeira junto ao toucador, seu perdão a tudo isso.

Era então que ela tinha seus consolos, quando, com a brisa vinda do oeste e as nuvens, brancas sob o sol, ela ficava à porta de sua cabana? Por qual razão enlaçava-se em torno de seu canto fúnebre essa incorrigível esperança? e por que, com nenhuma dádiva para dar e nenhuma dádiva para receber, preferia ela ainda viver; cantando, espanando? Havia, então, para a Sra. McNab, que fora pisoteada na lama por gerações, que tinha servido de capacho para reis e cáiseres, momentos de iluminação, visões de prazer, no banho na tina, por exemplo, com os filhos? (Mas dois eram bastardos e um a abandonara.) No bar, bebendo? Revirando quinquilharias nas suas gavetas? Alguma greta na escuridão devia ter havido, algum canal nas profundezas de obscuridade através do qual jorrasse luz suficiente para distorcer-lhe o rosto, sorrindo no espelho, e fazê-la, voltando ao serviço, balbuciar a velha canção de espetáculo de variedades.

Palmilhando a praia, o místico, o visionário eram possuídos, talvez, por intervalos de compreensão; de repente, inesperadamente, observando uma pedra, remexendo uma poça com um graveto, ouviam uma resposta absoluta, de maneira que se aqueciam em meio à geada e se confortavam em meio ao deserto. A verdade lhes tinha sido revelada. Mas a Sra. McNab não era nenhum desses. Ela não era nenhuma amante de esqueletos, que voluntariamente entrega e abstrai e reduz a multiplicidade do mundo à

unidade, e seu volume e angústia a uma única voz, flauteando clara e docemente uma mensagem indubitável. A mente inspirada, elevada, pode palmilhar a praia, ouvir, na calmaria da tempestade, uma voz, contemplar, nalguma serena clareira, uma visão, e assim montar o púlpito e tornar público como é simples, como é certo nosso dever, nossa esperança; nós somos uno. A Sra. McNab continuava a beber e a tagarelar como antes. Era quase desdentada; tinha dores em todos os membros. Nunca tornava públicas suas razões para abrir janelas e espanar dormitórios, e para cantar, quando sua voz se fora, sua velha e tola canção. Sua mensagem para um mundo que começava agora a irromper na voluntária e irreprimível beleza da primavera era transmitida pelo desamparo de seu corpo e por seu sorriso atravessado e neles, não menos que no balido do cordeiro e no botão da primula, estavam as sílabas quebradas de uma revelação mais confusa, mas mais profunda (se fosse possível lê-la), do que qualquer outra transmitida a contempladores solitários, palmilhando a praia à noite, e recebendo, enquanto remexiam a poça, revelações de um tipo extraordinário.

V

Pois, para eles, à medida que as tardes se alongavam, chegavam as mais estranhas imaginações, os mais autênticos sinais, ao pôr do sol, nas tardinhas enluaradas, quando parecia que eram içados de sua carne e essa carne se convertia em átomos que se precipitavam diante do vento, e eles precisavam voar, com os braços estendidos e os cabelos esvoaçando, em direção ao selvagem e brilhante ocidente ou às cintilantes estrelas ou às cadentes ondas. Pois era como se as ondas viessem neles quebrar; como se as estrelas cintilassem em seus corações; e a força das árvores, a nobreza das falésias, a majestade das nuvens fossem assim reunidas de propósito para juntar as partes dispersas da visão que tinham dentro deles.

Por uma semana, talvez, perto do fim de maio, essa unidade persistiu. A primavera, sem uma folha para agitar, nua e clara, como uma virgem, feroz em sua castidade, desdenhosa em sua pureza, se estendia pelos campos, olhos arregalados e atenta, inteiramente indiferente ao que era feito ou pensado pelos contempladores. Entretanto, nesses espelhos, as

mentes dos homens, nessas poças de águas turvas, nas quais nuvens sempre passam e sombras se formam, os sonhos persistiam, e era impossível resistir à estranha intimação que cada gaivota, flor, árvore e até a alva terra pareciam tornar pública (mas imediatamente revogar, se perguntadas) para que o bem triunfasse, a felicidade prevalecesse, a ordem reinasse, ou resistir ao extraordinário convite a andar de um lado para o outro, em busca de algum bem absoluto, de algum cristal de intensidade, distante dos prazeres conhecidos e das virtudes familiares, algo alheio aos processos da vida doméstica, único, duro, brilhante, como um diamante na areia, que tornaria o possuidor seguro. Além disso, dócil e aquiescente, a primavera, com suas abelhas zumbindo e seus mosquitos dançando, jogava seu manto sobre si, e velava os olhos e desviava a cabeça, e, entre sombras passageiras e pancadas de chuva miúda, parecia ter se arrogado o conhecimento dos infortúnios da humanidade.

Nesse calor, o vento enviou de novo seus espiões à casa. As moscas trançavam uma rede nos quartos ensolarados; as ervas daninhas que tinham crescido junto à vidraça, batiam metodicamente, à noite, na janela. Quando a escuridão caía, o clarão do farol, que nas noites escuras se estendia com autoridade sobre os tapetes, traçando seu desenho, vinha agora misturado ao luar, deslizando suave e furtivamente como se depositasse sua carícia e se demorasse e olhasse e amorosamente viesse outra vez. Mas na própria calma dessa amorosa carícia, enquanto o longo clarão se inclinava sobre o leito, o rochedo se partia; uma outra dobra do xale se afrouxava; pendia e balançava. Ao longo das curtas noites de verão e dos longos dias de verão, quando os quartos pareciam murmurar com os ecos dos campos e o zumbido das moscas, a longa bandeirola ondulava suavemente, balançava inutilmente; enquanto o sol riscava e estriava os quartos e os enchia de uma névoa amarela de uma maneira tal que a Sra. McNab, quando irrompia e capengava de um lado para o outro, parecia um peixe tropical que abria caminho nadando por águas atravessadas pelos golpes de lança do sol.

Mas por mais que ela dormitasse e dormisse, chegaram, no fim do verão, sons agourentos, como as batidas marcadas de martelos amortecidas pelo feltro, que com seus repetidos choques afrouxavam ainda

mais o xale e rachavam as xícaras de chá. De quando em quando, algum cálice retinia numa cristaleira como se uma voz gigante tivesse gritado tão alto na sua agonia que os copos que estavam numa outra cristaleira também vibravam. Então, o silêncio caía novamente; e, então, noite após noite, e às vezes em pleno meio-dia, quando as rosas brilhavam e a luz voltava sua forma sobre a parede, tinha-se a clara impressão de que nesse silêncio e nessa indiferença e claridade caía o surdo ruído de alguma coisa que tombava.

Nesta estação, os que tinham descido para palmilhar a praia e perguntar ao mar e ao céu que mensagem eles anunciavam ou que visão eles afirmavam, tinham de prestar atenção, entre os costumeiros sinais da prodigalidade divina – por exemplo, o pôr do sol sobre o mar, a brancura da aurora, o surgimento da lua, os barcos de pesca contra a lua –, a algo isolado, em desarmonia com esta serenidade; a silenciosa aparição de um navio colorido de cinza, por exemplo; uma espuma e uma mancha sobre a branda superfície do mar como se algo tivesse escumado e fervido e sangrado por debaixo. Essa intrusão, numa cena calculada para despertar as mais sublimes das reflexões e levar às mais confortáveis das conclusões, deteve-lhes o passo. Era difícil evitar, com indiferença, prestar-lhes atenção; abolir sua significância na paisagem; continuar, enquanto caminhavam pelo mar, a se maravilharem com a forma como a beleza de fora espelhava a beleza de dentro.

Será que a natureza suplementava o que o homem implementou? completava o que ele começou? Com igual benevolência, ela via-lhe a miséria, perdoava-lhe a mesquinhez, tolerava-lhe o tormento. Aquele sonho – de partilhar, de encontrar completude fora de casa – não era, pois, senão um reflexo num espelho, e o próprio espelho, senão a matéria vítrea superficial que assume o estado de repouso quando os poderes mais nobres dormem por debaixo. Impacientes, desesperados, embora relutantes a irem (pois a beleza oferece seus atrativos, tem suas consolações), palmilhar era impossível: a contemplação era insuportável; o espelho se partiu.

VI

Noite após noite, verão e inverno, o tormento das tempestades, a calma repentina do bom tempo reinaram sem interferência. Escutando-se (se houvesse alguém para escutar) das peças superiores da casa vazia, se teria ouvido, atravessado por relâmpagos, apenas um gigantesco caos, derrubando e revirando, à medida que os ventos e as ondas se divertiam, como massas amorfas de leviatãs cujas fronteiras são impermeáveis a qualquer vislumbre de razão, e se sobrepunham, e se arremessavam e se arremetiam na escuridão ou à luz do dia (pois noite e dia, mês e ano confluíam, indistinguíveis), em jogos idiotas, a ponto de parecer que o universo estava atacando e arremetendo em selvagem confusão e com incontrolável cobiça, sem propósito, sozinho.

Na primavera, as floreiras do jardim, cheias de plantas aleatoriamente semeadas pelo vento, estavam vivas como nunca. As violetas cresciam, e os narcisos. Mas a calma e a claridade do dia eram tão estranhas quanto o caos e o tumulto da noite, com as árvores ali, e as flores ali, olhando à sua frente, olhando para cima, mas sem nada verem, sem olhos, e tão terríveis.

VII

Sem nenhuma má intenção, pois a família não viria, nunca mais, diziam alguns, e a casa seria vendida no dia de São Miguel Arcanjo,³ a Sra. McNab se abaixou e colheu um molho de flores para levar com ela para casa. Colocou-as sobre a mesa enquanto espanava. Adorava flores. Era uma pena deixar que se estragassem. Imagine que a casa seja vendida (postou-se, às mãos à cintura, em frente ao espelho), ela precisaria ser cuidada – certamente precisaria. Tinha ficado ali todos esses anos sem uma única alma. Os livros e as coisas estavam mofados, pois com a guerra e a dificuldade de se encontrar mão de obra, a casa não tinha sido arrumada como ela teria desejado. Estava além das forças de uma pessoa sozinha endireitá-la agora. Estava velha demais. Doíam-lhe as pernas. Todos esses livros precisavam ser estendidos na grama, sob o sol; havia gesso caído no vestibulo; a calha em cima da janela do escritório tinha entupido, deixando a água entrar; o tapete estava arruinado, inteiramente. Mas as pessoas é que deveriam ter vindo; deveriam ter mandado alguém para olhar. Pois havia roupas nos armários; tinham deixado roupas em

todos os quartos. O que devia fazer com elas? Elas tinham traças – as coisas da Sra. Ramsay. Pobre senhora! Ela nunca mais ia precisar delas. Tinha morrido, diziam; anos atrás, em Londres. Havia a velha capa cinza que ela vestia quando trabalhava no jardim (a Sra. McNab tocou-a). Podia vê-la, enquanto subia pela estradinha, com as roupas lavadas, inclinada sobre as suas flores (o jardim agora dava pena de ver, com tudo crescendo por todo lado, e com coelhos saltando dos canteiros sobre a gente) – podia vê-la com um dos filhos ao lado, naquela capa cinza. Havia botinas e sapatos ali, e uma escova e um pente deixados sobre o toucador, à vista de todo o mundo, como se ela esperasse voltar amanhã. (Tinha morrido repentinamente, diziam.) E uma vez eles estavam para vir, mas tiveram que adiar, com essa coisa da guerra, e a viagem sendo tão difícil nos dias de hoje; nunca tinham vindo nesses anos todos; apenas mandavam o dinheiro dela; mas nunca escreviam, nunca vinham e esperavam encontrar as coisas do jeito que tinham deixado, ai, meu Deus! Vejam só, as gavetas do toucador estavam cheias de coisas (elas as abriu), lenços, pedaços de fita. Sim, ela podia ver a Sra. Ramsay enquanto subia pela estradinha com a roupa lavada.

“Boa tarde, Sra. McNab”, diria ela.

Ela a tratava amavelmente. As moças todas gostavam dela. Mas, meu Deus, muitas coisas tinham mudado desde então (ela fechou a gaveta); muitas famílias tinham perdido seus entes mais queridos. Assim, ela estava morta; e o Sr. Andrew, o jovem e alto cavalheiro, tinha sido morto; e a Srta. Prue, com seus cabelos loiros, tufos deles enrolados ao redor da cabeça, morta também, diziam, com o primeiro bebê; mas todo mundo tinha perdido alguém durante esses anos. Os preços tinham subido vergonhosamente e, pior, nunca mais tinham baixado. Podia se lembrar muito bem dela em sua capa cinza.

“Boa tarde, Sra. McNab”, diria ela, e mandaria a cozinheira guardar um prato de sopa de leite para ela, achava que, com certeza, ela estava precisada, carregando o pesado cesto por aquela distância toda, desde o vilarejo. Podia vê-la agora, inclinando-se sobre as suas flores, com um garotinho junto (débil e tremulante, como um raio amarelo ou o círculo na ponta de um telescópio, uma senhora numa capa cinza, inclinando-se sobre

as suas flores, passava tremulante, errante, sobre a parede do quarto, ao longo da bancada do lavabo, enquanto a Sra. McNab capengava e cambaleava, espanando, arrumando.)

E, agora, o nome da cozinheira? Mildred? Marian? – um nome desses. Ah, tinha esquecido – ela esquecia as coisas. Explosiva, como todas as ruivas. Tinham dado muitas e boas gargalhadas. Ela era sempre bem acolhida na cozinha. Ela as fazia rir, realmente fazia. As coisas naquele tempo eram melhores que agora.

Ela suspirou; era trabalho demais para uma mulher sozinha. Atirou a cabeça para um lado e para o outro. Vejam só, estava tudo úmido aqui; o gesso estava caindo. Por qual razão quiseram pendurar a caveira de um animal ali? tinha mofado também. E ratos por todo o sótão. A chuva penetrava. Mas eles nunca mandavam ninguém; nunca vinham. Algumas das fechaduras tinham sumido, de maneira que as portas ficavam batendo. Ela também não gostava de ficar sozinha aqui em cima quando escurecia. Era demais para uma mulher sozinha, demais, demais. Ela ringia, ela resmungava. Bateu a porta. Deu a volta na chave, e deixou a casa sozinha, fechada, trancada.

VIII

A casa foi abandonada; a casa foi deixada sozinha. Foi abandonada como uma concha numa duna, à espera de ser enchida com grãos de sal seco, agora que a vida a deixara. A longa noite parecia ter se instalado; os frívolos ares, mordiscando, os úmidos sopros, remexendo, pareciam ter triunfado. A caçarola enferrujara e o capacho se desmanchara. Os sapos tinham se metido porta adentro. Sem pressa, sem propósito, o xale balançava, dançante, pra lá e pra cá. Um pé de cardo se metia por entre os ladrilhos da despensa. As andorinhas faziam ninho na sala de estar; a palha espalhava-se pelo assoalho; o gesso caía aos montes; os caibros ficavam à mostra; os ratos roubavam uma coisa ou outra para ir roer por detrás dos lambris. As borboletas-da-urtiga⁴ irrompiam de suas crisálidas e matraqueavam sua vida sobre as vidraças. Papoulas propagavam-se em meio às dalias; o gramado ondulava com sua grama alta; alcachofras gigantes erguiam-se em meio a rosas; um pé de cravo franjado florescia

por entre as couves; enquanto o suave tamborilar de uma erva daninha contra a janela convertera-se, nas noites de inverno, no rufar de vigorosas árvores e ásperas urzes que deixavam o aposento todo verde no verão.

Que força podia agora impedir a fertilidade, a insensibilidade da natureza? O sonho da Sra. McNab, de uma senhora, de uma criança, de um prato de sopa de leite, passeara pelas paredes, como um raio de luz do sol, e desaparecera. Ela trancara a porta; fora embora. Estava além das forças de uma mulher sozinha, disse. Eles nunca mandavam ninguém. Nunca escreviam. Havia coisas lá em cima apodrecendo nas gavetas – era uma vergonha deixar as coisas desse jeito, disse ela. O lugar estava entregue à destruição e à ruína.

Apenas o raio do farol entrava nas peças por um instante, enviava seu súbito esplendor à sala de estar ou ao dormitório, sobre a cama e a parede, examinava severamente o cardo e a andorinha, o rato e a palha, quando a noite estava escura, acariciava-os amorosamente nas suaves noites da primavera.

Quanto aos espíritos, que, no sono, tinham deixado os seus corpos, e sonhado com algum tipo de comunhão, sonhado que, tomando a mão de um comparsa, poderiam completar, lá embaixo, na praia, sozinhos, na presença do céu e do mar, aquele desenho, aquela visão, aquele começo que buscava realização, ou tinham sido acordados por aquele prodigioso bombardeio que fazia os cálices de vinho retinir nas cristaleiras ou, então, o focinho que saltava para fora, a mancha que sangrava⁵ tinham estragado tão seriamente a composição que eles tinham fugido. Eles tinham derrubado o espelho. Não viam nada agora. Tropeçavam e titubeavam, cegamente tirando um pé da lama, cegamente chapinhando com o outro. Que o vento sopra; que a papoula se propague e o cravo se acasale com a couve. Que a andorinha faça seu ninho na sala de estar e o cardo empurre os ladrilhos e a borboleta tome sol na chita desbotada da poltrona. Que a porcelana e o cálice quebrados fiquem espalhados sobre o gramado e se emaranhem à grama e às amoras silvestres.

Pois agora chegara aquele momento, aquela hesitação, quando a aurora treme e a noite se detém, quando uma pena, se posta na balança, fará descê-la. Uma única pena, e a casa, afundando, caindo, teria virado e se

precipitado em direção às profundezas da escuridão. Na sala em ruínas, pessoas em piquenique teriam esquentado suas chaleiras; amantes teriam ali buscado abrigo, deitados nas tábuas nuas; e o pastor teria guardado sua comida em cima dos tijolos caídos, e o vagabundo teria dormido enrolado no casaco para se proteger do frio. Então, o teto teria caído; urzes e cicutas medrando, curvando-se, teriam fechado as passagens, os degraus e as janelas, teriam crescido, desigual, mas luxuriosamente, sobre o entulho, até que algum intruso, tendo se perdido, poderia ter dito, apenas por causa de um lírio-tocha misturado às urtigas, ou um caco de porcelana no meio das cicutas, que aqui, alguém, uma vez, vivera; existira uma casa.

Se a pena tivesse caído, se tivesse feito descer a balança, a casa inteira teria mergulhado nas profundezas para se assentar nas areias do olvido. Mas havia uma força em ação; algo não muito consciente; algo que olhava de esguelha, algo que cambaleava; algo não inspirado a conduzir o seu trabalho segundo um ritual majestoso ou sob um cântico solene. A Sra. McNab resmungava; a Sra. Bast, sua parceira, ringia. Estavam velhas; estavam emperradas; doíam-lhes as pernas. Vinham, afinal, com seus baldes e vassouras; punham-se ao trabalho. De repente: podia a Sra. McNab verificar se a casa estava pronta, escreveu uma das jovens; podia ela arrumar isto: podia arrumar aquilo; tudo na correria. Eles podiam vir para o verão; deixavam tudo para a última hora; esperavam encontrar as coisas tal como as tinham deixado. Lenta e penosamente, com balde e vassoura, lavando, esfregando, a Sra. McNab, a Sra. Bast detinham a decomposição e o apodrecimento; recuperavam do atoleiro do tempo, que se fechava rapidamente sobre elas, ora uma bacia, ora um guarda-louça; tiravam do esquecimento, numa manhã, todos os romances da série Waverley⁶ e um serviço de chá; restituíam ao sol e ao ar, numa tarde, uma grade de lareira e um jogo de atizadores de aço. George, o filho da Sra. Bast, pregava tábuas, aparava a grama. Houve a chegada dos carpinteiros. Ao som do chiar das dobradiças e do ranger dos parafusos, do estalar e do espocar do madeirame inchado pela umidade, parecia estar se dando algum nascimento laborioso e renitente, enquanto as mulheres, abaixando-se, levantando-se, resmungando, cantando, batiam portas e estalavam

panos, ora no andar de cima, ora nos porões. Oh, disseram elas, quanto trabalho!

Tomavam o seu chá no dormitório, às vezes, ou no gabinete; interrompendo o trabalho ao meio-dia, com sujeira nos rostos e as velhas mãos crispadas e entorpecidas pelos cabos das vassouras. Atiradas nas cadeiras, contemplavam ora a magnífica vitória sobre as torneiras e a banheira; ora o triunfo mais árduo, mais parcial sobre as longas fileiras de filosofia, outrora pretas como corvos, agora tingidas de branco, procriando pálidos fungos e escondendo furtivas aranhas. Uma vez mais, enquanto sentia descer-lhe o calor do chá, o telescópio ajustou-se aos olhos da Sra. McNab, e, num círculo de luz, ela viu, enquanto chegava com a roupa lavada, o velho senhor, magro como um ancinho, balançando a cabeça, falando sozinho, supunha ela, no gramado. Nunca lhe dava atenção. Alguns diziam que ele tinha morrido; alguns diziam que ela tinha morrido. Qual era a verdade? A Sra. Bast também não sabia ao certo. O jovem cavalheiro tinha morrido. Disso ela estava certa. Tinha lido o nome dele nos jornais.

Havia agora a cozinheira, Mildred, Marian, um nome desses – uma mulher ruiva, explosiva, como todas as de sua espécie, mas bondosa também, se a gente soubesse como lidar com ela. Tinham dado muitas e boas risadas juntas. Ela guardava um prato de sopa para Maggie; um pedaço de presunto, às vezes; o que houvesse. Viviam bem naquela época. Tinham tudo que precisavam (espontaneamente, jovialmente, com o chá quente descendo, ela desenrolava o novelo de suas memórias, sentada na poltrona de vime.) Sempre havia muito a fazer, gente na casa, vinte pessoas hospedadas às vezes, e ela lavando louça passando muito da meia-noite.

A Sra. Bast (ela nunca os conhecera; morava em Glasgow na época) se perguntava, pousando a xícara, por qual razão penduravam aquela cabeça de bicho ali? Morto na caça em algum lugar no estrangeiro, sem dúvida.

Podia muito bem ser, disse a Sra. McNab, divertindo-se com suas lembranças; eles tinham amigos em países do oriente; senhores que se hospedavam ali; a cozinheira tinha que fazer *curries* para eles; vira-os uma vez, pela porta da sala de jantar (espionou-os, postada atrás da moça

francesa que servia a mesa). Podia vê-los agora sentados à mesa de jantar, vinte, ousaria dizer, todos com suas joias, e ela ficou para ajudar a lavar louça até meia-noite passada.

Ah, disse a Sra. Bast, encontrariam muita coisa mudada. Debruçou-se na janela. Observava o filho, George, aparando a grama. Podiam muito bem perguntar: o que fora feito dela? percebendo como se esperava que o velho Kennedy tomasse conta dela, mas sua perna tinha ficado muito ruim depois que caíra da carroça; e, depois, talvez ninguém, durante um ano; ou quase um ano inteiro, e depois Tommie Curwen, e podiam ter mandado sementes, mas quem podia dizer se chegaram algum dia a ser plantadas?

George era muito bom no trabalho. Era um desses tipos tranquilos. Ele seguia em frente, como uma máquina, ceifando, ceifando, molhada ou seca, muito bom no trabalho. Bom, elas deviam ir adiante com os guardalouças, achava ela.

Afinal, após dias de faxina dentro de casa, após dias cortando, limpando, varrendo, cavando fora, os espanadores foram sacudidos nas janelas; as janelas foram fechadas; as portas foram cerradas à chave por toda a casa; a porta da frente foi batida; acabara.

E, agora, como se a limpeza e a esfrega e a ceifa e a poda os tivessem afogado, ergueram-se aquela entreouvida melodia, aquela música intermitente que o ouvido meio que capta mas deixa fugir, um latido, um balido, irregulares, intermitentes, mas de alguma forma ligados – o zumbido de um inseto, o tremular da grama cortada, desconjuntados mas de alguma forma concernentes, o zunido de uma besouro, o rangido de uma roda, alto, baixo, mas misteriosamente ligados, que o ouvido se esforça por juntar e está sempre a ponto de harmonizar; mas eles nunca são muito ouvidos, nunca plenamente harmonizados, e, afinal, à boca da noite, um a um, um som morre, e outro mais, e a harmonia vacila e o silêncio é completo. Com o pôr do sol, a nitidez ia embora, e tal como se ergue a bruma, a calma se erguia, as gralhas se acomodavam, a grama se acomodava. À vontade, o mundo preparava-se para dormir, aqui, no escuro, sem nenhuma luz a não ser a que chegava filtrada através das folhas ou empalidecida sobre as flores.

IX

Então, na verdade, a paz chegara. Mensagens de paz sopravam do mar em direção à praia. Nunca mais interromper o seu sono, acalentá-lo, em vez disso, mais profundamente, para que repousasse e, não importando o que sabiamente sonhassem os sonhadores, o que divinamente sonhassem, para que fosse confirmado – que outra coisa estava ela murmurando? E vejam, nossa mensagem, nossa sabedoria, parecia dizer, estão revestidas de esplendor. A onda cobre a praia de negro. Nossa paz é uma paz meditativa, nossa beleza, uma beleza consciente. Ficamos à sua porta, desejando-lhe felicidade.

Quem, acordando nas profundezas desta escura, desta divina, desta serena noite, cuja escuridão era um véu, cujo murmúrio era de segredos demasiadamente profundos para serem plenamente pronunciados, poderia, mesmo agora, após a umidade e os espiões, após o sapo e o rato, resistir ao desejo de caminhar lá na praia sobre a pálida areia, com as ondas quebrando, e apenas uma luz no porto, uma luz no topo de algum mastro, uma luz sobre as ondas, e perguntar outra vez: O quê e por quê?

Entretanto, vendo o quão frequentemente tinham perguntado, o quanto tinham sofrido, o quão frequentemente tinham sido ridicularizados, era mais sábio, talvez, ficarem ali no escuro; ouvirem apenas; deixá-la dizer o que quisesse – cantar, anunciar que era uma noite maravilhosa, e a lua ardia através do azul como uma rosa. Pela janela aberta, a voz da beleza do mundo chegava murmurando, baixinho demais para que eles pudessem ouvir exatamente o que dizia – mas que importava se eles apreendiam o sentido? –, como, uma vez e mais outra, a onda varre a praia com esplendor. A voz rogava aos adormecidos, se eles realmente não vinham à praia, ao menos que levantassem as cortinas e olhassem para fora. Eles veriam como os mantos do augusto Deus se estendiam; sua cabeça estava coroada; seu cetro, engastado de joias; e uma criança podia olhá-lo nos olhos. E se os adormecidos ainda vacilassem, e dissessem: Não: que era vapor este seu fausto, e que o orvalho tinha mais poder que ele, sem reclamar, sem discutir, a voz cantaria a sua canção. Suavemente, as ondas quebrariam; delicadamente, a luz iluminaria. E tudo no aposento – guardalouças, bacias, mesas, há pouco postas em ordem, rigorosamente

arrumadas – parecia estar sob o feitiço, mais solenemente postados esta noite, mais gravemente conscientes esta noite, de uma ordem, de um propósito, que, quando o dia raiasse, seriam revelados.

Na verdade, enquanto as folhas do pé de maracujá tamborilavam na janela, e o intrincado desenho da folha, a cadeira, a mesa, tudo ondulava sobre o assoalho, a voz podia voltar ao assunto: ele estava contente com isso; isso era suficiente – para envolver os adormecidos em azul; para estar lá, se precisassem dele, à sua espera.

Afinal, pois, por que não concordar? aceitar? Sem perder seu ceticismo ou afundar nas profundezas da aquiescência, eles podiam, sem se virarem totalmente, olhar para fora: assumir um olhar que não fosse mais de êxtase; ficar vigilantemente despertos e ver como, através de uma abertura na cortina, o esplêndido monarca se estendia; ouvir o imenso suspiro de todas as ondas quebrando, num só compasso, em torno das ilhas; ouvir os pássaros começarem a cantar e a aurora entrelaçar suas frágeis vozes em seu alvo traje; ouvir as rodas começarem a ranger e, afinal, esquecer de discriminar entre roda e pássaro, e deixar, afinal, que o azul e o púrpura os cobrissem, afundar na noite, afundar no azul, e entregar-se, e esquecer...

Mas, ah! Assim como aquele que cai, ao cair, grita e agarra a grama na beira do penhasco e se salva, assim, mesmo enquanto caíam, eles estavam inteiramente despertos; eles se erguiam, eretos; seus olhos estavam abertos; agora era dia.

Time Passes

Virginia Woolf



I

It grew darker. Clouds covered the moon; in the early hours of the morning a thin rain drummed on the roof, and starlight and moonlight and all light on sky and earth was quenched. Nothing could survive the flood, the profusion, the downpouring of the immense darkness which, creeping in at keyholes and crevices, stole round the window blinds, came in to the bedrooms, and swallowed up, here a jug and basin, there a bowl of red and yellow dahlias, there the sharp edges and firm bulk of a chest of drawers. Not only was furniture confounded; but there was scarcely anything left of body or mind by which one could say “this is he” or “this is she”; but from the many bodies lying asleep either in the rigid attitudes of the old passively creased in the creases of the beds, or easily lying scarcely covered, in childhood, as if a cloud lightly curved under them, there rose, to break silvery on the surface, thoughts, dreams, impulses, of which the sleepers by day knew nothing. Now a hand was raised as if to clutch something or perhaps ward off something; now the anguish which is forbidden to cry out for comfort parted the lips of the sleepers; now and then somebody laughed out loud, as if sharing a joke with nothingness.

It seemed almost as if there must be ghostly confidantes about, sharers, comforters, who, stooping by the bedside, gravely treasured up and engulfed in the folds of their cloaks, in their compassionate hearts, what was murmured and cried, accepted and understood those changes from torture to calm, from hate to indifference, which came and went and came again upon the sleepers’ faces. It seemed, at least, as if each reached out and found standing at the foot of his bed the counterpart of his thoughts, the sharer of his deeds, found in sleep a completeness denied him by day, and to that cried and to that confided and laughed the senseless wild laughter which, had the waking heard it, would have startled them. To each a sharer, to each thought an answer and in this knowledge content – it might be so. It might be that dreaming and sleeping each put off the cumber and trouble of flesh and left the house and paced the beach and asked of the wave and the sky: is the sharp-edged furniture all, and the flower; is the day all; is our duty to the day?

The waves breaking seemed like night shaking her head back and letting despairingly her dark down, and musing and mourning as if she lamented the doom which drowned the earth and extinguished its lights and of all ships and towns left nothing. The wave sweeps up the beach; the night mourns human sorrow; the sea's beauty consoles; so the wind may have answered the sleepers, the dreamers, pacing the sand and asking, Why wrap us about in the sea's beauty, why console us with the lamentation of the breaking waves, if in truth we only spin this clothing from terror, weave this garment for nothingness?

II

Meanwhile, nothing stirred in the drawing room, or in the dining room, or on the staircase. Only, through the rusty hinges and swollen sea-moistened wood-work certain airs, detached from the body of the wind, crept round corners and ventured indoors. Almost one might imagine them questioning, wondering, as they gently attempted the flap of hanging wall paper – would it, they seemed to ask, hang much longer; when would it fall? Then, smoothly brushing the walls, they passed on, musingly, as if asking the red and yellow flowers on the wall paper whether they would fade, and questioning, (gently – there was time at their disposal) the torn letters in the waste paper basket, the flowers, the books, all of which were now open to them, in communion with them, and softly illumined, now and then, by a beam from the light house. So wandering through the rooms and reaching the kitchen they paused to ask of the table and the silver-tailed saucepans ranged orderly on the shelf, the same question; how long would they endure, of what nature were they? Were they made of wind and rain, allies, with whom in the darkness, wind and rain might commune? Were they obdurate? Time would show.

So, the light directing them with its pale footfall, on step, on mat, on wall, the little airs passed, paused, mounted the staircase, nosed at the bedroom doors. Here, one might think, surely they must cease. Whatever else may perish and disappear, what lies here is steadfast. Here, one might say to those sliding lights on the ceiling, those airs of midnight that bend over the bed itself, here you can neither touch nor destroy. Upon which,

wearily, ghostlily, as if they had feather-light fingers and the light persistency of feathers, they would look, once, on the shut eyes, and the loosely clasping fingers, and fold their garments, wearily, and disappear.

They took themselves off now (but after all it would soon be winter) to the window on the staircase, which they rubbed and fumbled; shook a wandering light upstairs in the servants' bedrooms among boxes in the attics; descended to ripple the cloaks outside the dining room; to meditate among the apples on the table, to blanch and nibble their redness and hardness, – how could one tarnish them? – next reached the roses in the jar and tried there too, with their vapid fumbling, how petal could be nipped from petal, the stalk swollen, the pallor stained, tried the picture on the easel and brushed the mat and blew a little sand along the floor.

At last, desisting, like spies called back to the army they gathered in the middle of the hall. All ceased together; all sighed together; all together gave off an aimless gust of lamentation to which some door in the kitchen replied; swung wide; admitted nothing; banged to. There was silence.

Then as if to refresh the failing powers of destruction, they spread their garments, they rose up and the wind rose and the waves rose and through the house there lifted itself one sullen wave of doom which curled and crashed and the whole earth seemed ruining and washing away in water.

III

But what after all, is one night? A short space, especially when the darkness dims so soon, and so soon a bird sings, a cock crows, or a faint green quickens, like a turning leaf, in the hollow of the wave. Night, however, succeeds to night. The winter holds a pack of them in store and deals them equally, evenly, with indefatigable fingers. They lengthen; they darken. Some of them hold aloft clear planets, plates of brightness. The autumn trees, ravaged as they are, take on the flash of tattered flags kindling in the gloom of cool cathedral caves where gold letters and marble pages describe death in battle and how bones far away bleach and burn in Indian sands. The autumn trees gleam in the yellow moonlight, in the light of harvest moons, the light which mellows the energy of labour, and smooths the stubble, and brings the wave lapping blue to the beach.

It seemed now as if, touched by human penitence and all its toil, divine goodness had drawn the curtain and displayed behind it, single, distinct, the hare erect, the wave falling, the boat rocking, which, did we deserve them should be ours always. But alas – divine goodness, twitching the cord, draws the curtain; it does not please him; he covers his treasures in a drench of hail, and so breaks them, so confuses them, that it seems impossible that their calm should ever return, or from their fragments we should ever compose again the whole, the truth. For our penitence deserves a glimpse only, our toil respite only.

The nights now are full of wind and destruction; the trees plunge and bend and their dishonoured leaves fly helter skelter until the lawn is plastered with them and they lie packed in gutters and choke rain pipes and scatter damp paths. Also the sea tosses and breaks itself, and should any escaped soul, any sleeper, who fancies that in sleep he has grasped the hand of a sharer walk the edge of the sea, no image with divine promptitude and semblance of serving comes readily to hand bringing the night to order and making the sea reflect the compass of the soul. He may pace by the hour on the midnight beach but the hand dwindles in his hand; the voice bellows in his ear. Almost, one would have thought, it is vain, in such confusion, to ask the night those questions: what, why? which roused the sleeper from his dreams, and sent him running, to the waves, to seek, it seemed, a comforter.

Now again, since autumn was far advanced, it was possible to attempt the house. All the beds were empty; the stray airs, spies, advance guard of great armies, brushed bare mattresses and, as they nibbled and moistened and fanned this way and that, met nothing that wholly resisted them, but only hangings that flapped, wood that creaked, the bare legs of tables, saucepans and china already furred, tarnished, cracked. What people had shed and left – a pair of shoes, a shooting cap, some faded skirts and coats in wardrobes – those alone kept the human shape and in the emptiness indicated how once they were filled and animated; how once hands were busy with hooks and buttons; how once the looking glass had held a face, leaning, looking; had held a world hollowed out in which a figure turned, a hand flashed, the door opened, in came children; rushing and tumbling;

went out again. Now, day after day, light turned, like a flower reflected in water, its sharp image on the wall opposite. Only the shadows of the trees, flourishing in the wind, made obeisance on the wall, and for a moment darkened the pool in which light reflected itself; or birds, flying, made a soft spot flutter across the bedroom floor.

So loveliness reigned and stillness reigned, and together made the shape of loveliness itself, a form from which life had parted; solitary like a pool at evening, far distant, seen from a train window, vanishing so quickly that the pool, pale in the evening, is scarcely robbed of its solitude, though once seen. Stillness and loveliness clasped hands in the bedroom; among the shrouded jugs and sheeted chairs, even the prying of the wind, the soft nose of the clammy sea airs, rubbing, snuffling, iterating and reiterating their questions – “Will you fade? Will you perish?” scarcely disturbed this peace, this indifference, this air of integrity, where there is no compromise, truth were there undraped, as if the question they asked needed no answering: we remain.

Nothing it seemed could break that image, corrupt that innocence, or disturb the swaying mantle of silence which, week after week, in the empty room, wove into itself the falling cries of birds, ships hooting, the drone and hum of the fields, a dog’s bark, a man’s shout, and folded them round the house in silence. Once only a board sprang on the landing; once in the middle of the night with a roar, with a rupture, as, after centuries of quiescence, a rock rends itself from the mountain and hurtles crashing in the valley, one fold of the shawl loosened and swung to and fro. Then again peace descended; and the shadow wavered; light bent to its own image in adoration on the bedroom wall and lingering, mixed with moonlight and with water and with quick silence.

Suddenly, tearing the veil of silence with hands that had stood in the washtub, grinding it with boots that had crunched the shingle, old Mrs. McNab came as directed to open all windows and dust the bedrooms.

IV

As she lurched (for she rolled like a ship at sea) and leered (for her eyes fell on nothing directly, but with a sidelong glance that deprecated the

scorn and anger of the world – she was witless, she knew it), as she clutched the bannisters and hauled herself upstairs and rolled from room to room, she sang. Rubbing the glass of the long looking glass and leering sideways at her swinging figure a sound issued from her lips – something that had been gay twenty years before on the stage perhaps, had been hummed and danced to, but now coming from the toothless, bonneted, care-taking woman was rubbed of meaning, was like the voice of witlessness, humour, persistency itself trodden down but springing up again, so that as she lurched, dusting, wiping, she seemed to say how it was one long sorrow and trouble, how it was getting up and going to bed again, and bringing things out and putting them away again. It was not easy or snug this world she had known for close on eighty years. Bowed down she was with weariness. How long, she asked, creaking and groaning on her knees under the bed dusting the boards, how long shall it endure? but hobbled to her feet again, pulled herself up and again, with her sidelong leer which slipped and turned aside even from her own face, and her own sorrows, stood and gaped in the glass, actually smiling, and began again the old amble and hobble (taking up mats, putting down china) granting, as she stood the chair straight by the dressing table, her forgiveness of it all leaning her bony breast on the hard thorn.

Was it then that she had her consolations, when, with the breeze in the west and the clouds white in the sun she stood at her cottage door? For what reason did there twine about her dirge this incorrigible hope? and why, with no gift to bestow and no gift to take did she yet prefer to live; singing, dusting? Were there then for Mrs. McNab who had been trampled into the mud for generations, had been a mat for King and Kaiser, moments of illumination, visions of joy, at the wash tub, say, with her children? (Yet two had been base born and one had deserted her.) At the public house, drinking? Turning over scraps in her drawers? Some cleavage of the dark there must have been, some channel in the depths of obscurity through which light enough issued to twist her face, smiling in the glass, and make her, turning to her job again, mumble out the old Music hall song.

Walking the beach the mystic, the visionary, were possessed of intervals of comprehension perhaps; suddenly, unexpectedly, looking at a stone, stirring a puddle with a stick, heard an absolute answer, so that they were warm in the frost and had comfort in the desert. The truth had been made known to them. But Mrs. McNab was none of these. She was no skeleton lover, who voluntarily surrenders and makes abstract and reduces the multiplicity of the world to unity and its volume and anguish to one voice piping clear and sweet an unmistakable message. The inspired, the lofty minded, might walk the beach, hear in the lull of the storm a voice, behold in some serene clearing a vision, and so mount the pulpit and make public how it is simple, it is certain, our duty, our hope; we are one. Mrs. McNab continued to drink and gossip as before. She was toothless almost; she had pains in all her limbs. She never divulged her reasons for opening windows and dusting bedrooms, and singing, when her voice was gone, her old silly song. Her message to a world now beginning to break into the voluntary and irrepressible loveliness of spring was transmitted by the lurch of her body and the leer of her smile and in them no less than in the bleat of lamb and the bud of cowslip were the broken syllables of a revelation more confused but more profound (could one have read it) than any accorded to solitary watchers, pacing the beach at midnight, and receiving as they stirred the pool, revelations of an extraordinary kind.

V

For to them, as the evenings lengthened came the strangest imaginations, the most authentic beckonings, in the sunset, on the moonlit evenings when it seemed as if they were haled from their flesh and that flesh were turned to atoms which drove before the wind, and they must needs fly with arms stretched and hair blowing to the wild shining west or the flashing stars, or the tumbling waves. For it was as if the waves broke in them; the stars flashed in their hearts; and the trees' strength, the cliffs' nobility, the clouds' majesty were so brought together purposely to assemble the scattered parts of the vision within.

For a week perhaps towards the end of May this unity persisted. The spring without a leaf to toss, bare and bright, like a virgin fierce in her

chastity, scornful in her purity, was laid out on fields wide eyed and watchful, entirely careless of what was done or thought by the beholders. Nevertheless in those mirrors, the minds of men, in those pools of uneasy water, in which clouds for ever turn and shadows form, dreams persisted, and it was impossible to resist the strange intimation which every gull, flower, tree and the white earth itself seemed to declare (but if questioned at once to withdraw) that good triumphs, happiness prevails, order rules, or to resist the extraordinary stimulus to range hither and thither in search of some absolute good, some crystal of intensity, remote from the known pleasures and familiar virtues, something alien to the processes of domestic life, single, hard, bright, like a diamond in the sand, which would render the possessor secure. Moreover, softened and acquiescent, the spring with her bees humming and gnats dancing threw her cloak about her, and veiled her eyes and averted her head, and among passing shadows and flights of small rain seemed to have taken upon her a knowledge of the sorrows of mankind.

In this warmth, the wind sent its spies about the house again. Flies wove a web in the sunny rooms; weeds that had grown close to the glass in the night tapped methodically at the window pane. When darkness fell, the stroke of the lighthouse which had laid itself when nights were dark with authority upon the carpet, tracing its pattern, came now mixed with moonlight gliding gently and stealthily as if it laid its caress and lingered and looked and came lovingly again. But in the very lull of this loving caress, as the long stroke leant upon the bed, the rock was rent asunder; another fold of the shawl loosened; there it hung, and swayed. Through the short summer nights and the long summer days when the empty rooms seemed to murmur with the echoes of the fields and the hum of flies the long streamer waved gently, swayed aimlessly; while the sun so striped and barred the rooms and filled them with yellow haze that Mrs. McNab when she broke in and lurched about looked like a tropical fish oaring its way through sun-lanced waters.

But slumber and sleep though it might there came later in the summer ominous sounds like the measured blows of hammers dulled on felt, which, with their repeated shocks still further loosened the shawl and

cracked the tea cups. Now and again some glass tinkled in the cupboard as if a giant voice had shrieked so loud in its agony that tumblers stood inside a cupboard vibrated too. Then again silence fell; and then, night after night, and sometimes in plain midday when the roses were bright and light turned on the wall its shape clearly there seemed to drop into this silence and indifference and clarity the thud of something falling.

At that season those who had gone down to pace the beach and ask of the sea and sky what message they reported or what vision they affirmed had to consider among the usual tokens of divine bounty – for instance the sunset on the sea, the pallor of dawn, the moon rising, fishing boats against the moon, something isolated, out of harmony with this serenity; the silent apparition of an ashen coloured ship for instance; a froth and stain upon the bland surface of the sea as if something had foamed and boiled and bled beneath. This intrusion into a scene calculated to stir the most sublime reflections and lead to the most comfortable conclusions stayed their pacing. It was difficult blandly to overlook them; to abolish their significance in the landscape; to continue, as one walked by the sea, to marvel how beauty outside mirrored beauty within.

Did nature supplement what man advanced? did she complete what he began? With equal benignancy she saw his misery, condoned his meanness, acquiesced in his torture. That dream – of sharing, of finding outside the house completion – was then but a reflection in a mirror, and the mirror itself but the surface glassiness which forms in quiescence when the nobler powers sleep beneath. Impatient, despairing, yet loth to go (for beauty offers her lures, has her consolations) to pace the beach was impossible: contemplation was unendurable; the mirror was broken.

VI

Night after night, summer and winter, the torment of storms, the arrowlike stillness of fine weather, held their court without interference. Listening (had there been anyone to listen) from the upper rooms of the empty house only gigantic chaos streaked with lightning could have been heard tumbling and tossing, as the winds and waves disported themselves like the amorphous bulks of leviathans whose brows are pierced by no

light of reason, and mounted one on top of another, and lunged and plunged in the darkness or the daylight (for night and day, month and year ran shapelessly together) in idiot games until it seemed as if the universe were battling and tumbling, in brute confusion and wanton lust aimlessly by itself.

In spring the garden urns casually filled with wind blown plants were gay as ever. Violets came and daffodils. But the stillness and the brightness of the day were as strange as the chaos and tumult of night, with the trees standing there, and the flowers standing there, looking before them, looking up, yet beholding nothing, eyeless, and so terrible.

VII

Thinking no harm, for the family would not come, never again, some said, and the house would be sold at Michaelmas perhaps, Mrs. McNab stooped and picked a bunch of flowers to take home with her. She laid them on the table while she dusted. She was fond of flowers. It was a pity to let them waste. Suppose the house was sold (she stood arms akimbo in front of the looking glass) it would want seeing to – it would. There it had stood all these years without a soul in it. The books and things were mouldy, for what with the war and help being hard to get, the house had not been cleaned as she could have wished. It was beyond one person's strength to get it straight now. She was too old. Her legs pained her. All those books needed to be laid out on the grass in the sun; there was plaster fallen in the hall; the rain pipe had blocked over the study window and let the water in; the carpet was ruined quite. But people should come themselves; they should have sent somebody down to see. For there were clothes in the cupboards; they had left clothes in all the bedrooms. What was she to do with them? They had the moth in them – Mrs. Ramsay's things. Poor lady! She would never again want them again. She was dead they said; years ago, in London. There was the old grey cloak she wore gardening (Mrs. McNab fingered it). She could see her, as she came up the drive with the washing, stooping over her flowers (the garden was a pitiful sight now, all run to riot, and rabbits scuttling at you out of the beds) – she could see her with one of the children by her, in that grey cloak. There

were boots and shoes there, and a brush and comb left on the dressing table for all the world as if she expected to come back to-morrow. (She had died very sudden at the end, they said.) And once they had been coming, but had put off coming, what with the war, and travel being so difficult these days; they had never come all these years; just sent her money; but never wrote, never came and expected to find things as they had left them, ah dear! Why the dressing table drawers were full of things (she pulled them open) handkerchiefs, bits of ribbon. Yes, she could see Mrs. Ramsay as she came up the drive with the washing.

“Good evening, Mrs. McNab,” she would say.

She had a pleasant way with her. The girls all liked her. But dear, many things had changed since then (she shut the drawer); many families had lost their dearest. So she was dead; and Mr. Andrew the tall young gentleman killed; and Miss Prue with the fair hair, masses of it twisted round her head, dead too they said, with her first baby; but everyone had lost someone these years. Prices had gone up shamefully, and didn’t come down again neither. She could well remember her in her grey cloak.

“Good evening, Mrs. McNab,” she would say, and told cook to keep a plate of milk soup for her, quite thought she wanted it, carrying that heavy basket all the way up from town. She could see her now, stooping over her flowers, with a little boy there, (faint and flickering, like a yellow beam or the circle at the end of a telescope, a lady in grey cloak, stooping, over her flowers went flickering, wandering, over the bedroom wall, across the washstand, as Mrs. McNab hobbled and ambled, dusting, straightening.)

And cook’s name now? Mildred? Marian? – some name like that. Ah, she had forgotten – she did forget things. Fiery, like all red haired women. Many a laugh they had had. She was always welcome in the kitchen. She made them laugh, she did. Things were better then than now.

She sighed; there was too much work for one woman. She wagged her head this side and that. Why, it was all damp in here; the plaster was falling. What ever did they want to hang a beast’s skull there? gone mouldy too. And rats in all the attics. The rain came in. But they never sent; never came. Some of the locks had gone, so the doors banged. She didn’t like to be up here at dusk alone neither. It was too much for one

woman, too much, too much. She creaked, she moaned. She banged the door. She turned the key in the lock, and left the house alone, shut up, locked.

VIII

The house was left; the house was deserted. It was left like a shell on a sandhill to ill with dry salt grains now that life had left it. The long night seemed to have set in; the trifling airs, nibbling, the clammy breaths fumbling seemed to have triumphed. The saucepan had rusted and the mat decayed. Toads had nosed their way in. Idly, aimlessly, the swaying shawl swung to and fro. A thistle thrust itself between the tiles in the larder. The swallows nested in the drawing room; the floor was strewn with straw; the plaster fell in shovel fulls; rafters were laid bare; rats carried off this and that to gnaw behind the wainscots. Tortoise shell butterflies burst from the chrysalis, and pattered their life out on the window pane. Poppies sowed themselves among the dahlias; the lawn waved with long grass; giant artichokes towered among roses; a fringed carnation flowered among the cabbages; while the gentle tapping of a weed at the window had become, on winters' nights, a drumming from sturdy trees and thorned briars which made the whole room green in summer.

What power could now prevent the fertility, the insensibility of nature? Mrs. McNab's dream of a lady, of a child, of a plate of milk soup like a spot of sunlight it had wavered over the walls and vanished. She had locked the door; she had gone. It was beyond the work of one woman, she said. They never sent. They never wrote. There were things up there rotting in the drawers – it was a shame to leave things so, she said. The place was gone to rack and ruin.

Only the lighthouse beam entered the rooms for a moment, sent its sudden glare into the drawing room or bedroom, over bed and wall, looked at the thistle and the swallow, the rat and the straw severely when the night was dark, caressed them lovingly in the soft nights of spring.

As for the spirits, who in sleep had left their bodies, and dreamed of some communion, had dreamed that grasping the hand of a sharer, they might complete, down on the beach alone, in the presence of sea and sky,

that pattern that vision, that beginning which sought fulfilment, either they had been woken by that prodigious cannonading which made the wine glasses tinkle in the cupboards, or the snout protruding, the stain bleeding, had so gravely damaged the picture that they had fled. They had dashed the mirror to the ground. They saw nothing now. They stumbled and strove, blindly pulling one foot out of the mud, blindly stamping the other in. Let the wind blow; let the poppy seed itself, and the carnation mate with the cabbage. Let the swallow build in the drawing room, and the thistle thrust aside the tiles, and the butterfly sun itself on the faded chintz of the arm chair. Let the broken glass and china lie out on the lawn and be tangled over with grass and wild berries.

For now had come that moment, that hesitation when dawn trembles and night pauses, when if a feather alight in the scale it will be weighted down. One feather, and the house, sinking, falling, would have turned and pitched downwards to the depths of darkness. In the ruined room, picknickers would have lit their kettles; lovers sought shelter there, lying on the bare boards; and the shepherd stored his dinner on the fallen bricks, and the tramp slept with his coat round him to ward off the cold. Then the roof would have fallen; briars and hemlocks burgeoning, curving, would have blotted out path, step and window, would have grown, unequally but lustily over the mound, until some trespasser, losing his way, could have told only by a red hot poker among nettles, or a scrap of china in the hemlock, that here once someone had lived; there had been a house.

If the feather had fallen, if it had tipped the scale downwards, the whole house would have plunged to the depths to lie upon the sands of oblivion. But there was a force working; something not highly conscious; something that leered, something that lurched; something not inspired to go about its work with dignified ritual or solemn chanting. Mrs. McNab groaned; Mrs. Bast, her crony, creaked. They were old; they were stiff; their legs ached. They came with their brooms and pails at last; they got to work. All of a sudden, would Mrs. McNab see that the house was ready, one of the young ladies wrote; would she get this done: would she get that done; all in a hurry. They might be coming for the summer; had left everything to the last; expected to find things as they had left them. Slowly and painfully,

with broom and pail, mopping, scouring, Mrs. McNab, Mrs. Bast stayed the corruption and the rot; rescued from the pool of time that was fast closing over them now a basin, now a cupboard; fetched up from oblivion all the Waverley novels and a tea set one morning; in the afternoon restored to sun and air a brass fender and a set of steel fire irons. George, Mrs. Bast's son, hammered nails, cut grass. They had the builders. Attended with the creaking of hinges and the screeching of bolts, the slamming and banging of damp-swollen wood-work some rusty laborious birth seemed to be taking place, as the women, stooping, rising, groaning, singing, slapped and slammed, up stairs now, now down in the cellars. Oh, they said, the work!

They drank their tea in the bedroom sometimes, or in the study; breaking off work at midday with the smudge on their faces, and their old hands clasped and cramped with the broom handles. Flopped on chairs they contemplated now the magnificent conquest over taps and bath; now the more arduous, more partial triumph over long rows of philosophy, black as ravens once, now white-stained, breeding pale mushrooms and secreting furtive spiders. Once more, as she felt the tea warm in her, the telescope fitted itself to Mrs. McNab's eyes, and in a ring of light she saw the old gentleman, lean as a rake, wagging his head, as she came up with the washing, talking to himself, she supposed, on the lawn. Never noticed her. Some said he was dead; some said she was dead. Which was it? Mrs. Bast didn't know for certain either. The young gentleman was dead. That she was sure. She had read his name in the papers.

There was the cook now, Mildred, Marian, some such name as that – a red headed woman, quick tempered like all her sort, but kind, too, if you knew the way with her. Many a laugh they had had together. She saved a plate of soup for Maggie; a bite of ham, sometimes; whatever was over. They lived well in those days. They had everything they wanted (glibly, jovially, with the tea hot in her, she unwound her ball of memories, sitting in the wicker arm chair). There was always plenty doing, people in the house, twenty staying sometimes, and washing up till long past midnight.

Mrs. Bast (she had never known them; had lived in Glasgow at that time) wondered, putting her cup down, whatever they hung that beast's

skull there for? Shot in foreign parts no doubt.

It might well be, said Mrs. McNab, wantoning on with her memories; they had friends in eastern countries; gentlemen staying there; cook had to make curries for them; she had seen them once through the dining room door (she crept up behind the French girl who waited at table). She could see them now sitting at dinner, twenty she dared say all in their jewellery, and she stayed to help wash up till after midnight.

Ah, said Mrs. Bast, they'd find it changed. She leant out of the window. She watched her son George cutting the grass. They might well ask, what had been done to it? seeing how old Kennedy was supposed to have the charge of it, and then his leg got so bad after he fell from the cart; and perhaps then no one for a year; or the better part of one, and then Tommie Curwen, and seeds might be sent, but who should say if they were over planted.

George was a great one for work. He was one of those quiet ones. On he went, like a machine, scything, wet or fine, great one for work. Well, they must be getting along with the cupboards, she supposed.

At last, after days of labour within, of cutting, raking sweeping digging without, dusters were flicked out of the windows; the windows were shut fast; keys were turned all over the house; the front door was banged; it was finished.

And now, as if the cleaning and the scrubbing and the scything and the mowing had drowned them, there rose that half heard melody, that intermittent music which the ear half catches but lets fall, a bark, a bleat, irregular, intermittent, yet somehow related – the jar of an insect, the tremor of cut grass, dissevered yet somehow belonging, the hum of a dor beetle, the squeak of a wheel, loud, low, but mysteriously related, which the ear strains to bring together and is always on the verge of harmonising; but they are never quite heard, never fully harmonised, and at last, in the evening, one after another the one sound dies, and the harmony falters and the silence is complete. With the sunset sharpness was lost, and like mist rising, quiet rose, the rooks settled the grass settled. Loosely the world shook itself down to sleep, darkly here without a light to it, save what came suffused through leaves or pale on flowers.

IX

Then indeed peace had come. Messages of peace breathed from the sea to the shore. Never to break its sleep any more, to lull it rather more deeply to rest and whatever the dreamers dreamt wisely, dreamt holily, to confirm — what else was it murmuring? And behold, our message, our wisdom, it seemed to say, is clothed in splendour. The wave sweeps dark up the beach. Our peace is a brooding peace, our beauty a conscious beauty. We lie at your door wishing you well.

Who, waking in the depths of this dark, this holy, this restful night whose darkness was a veil, whose murmur was of secrets too deep to be fully uttered, could, even now, after the damp and the spies, after the toad and the rat, resist the desire to walk there on the beach on the pale sand, with the waves breaking, and only a light in the harbour a light on some mast head, a light on the waves, and ask again, What and why?

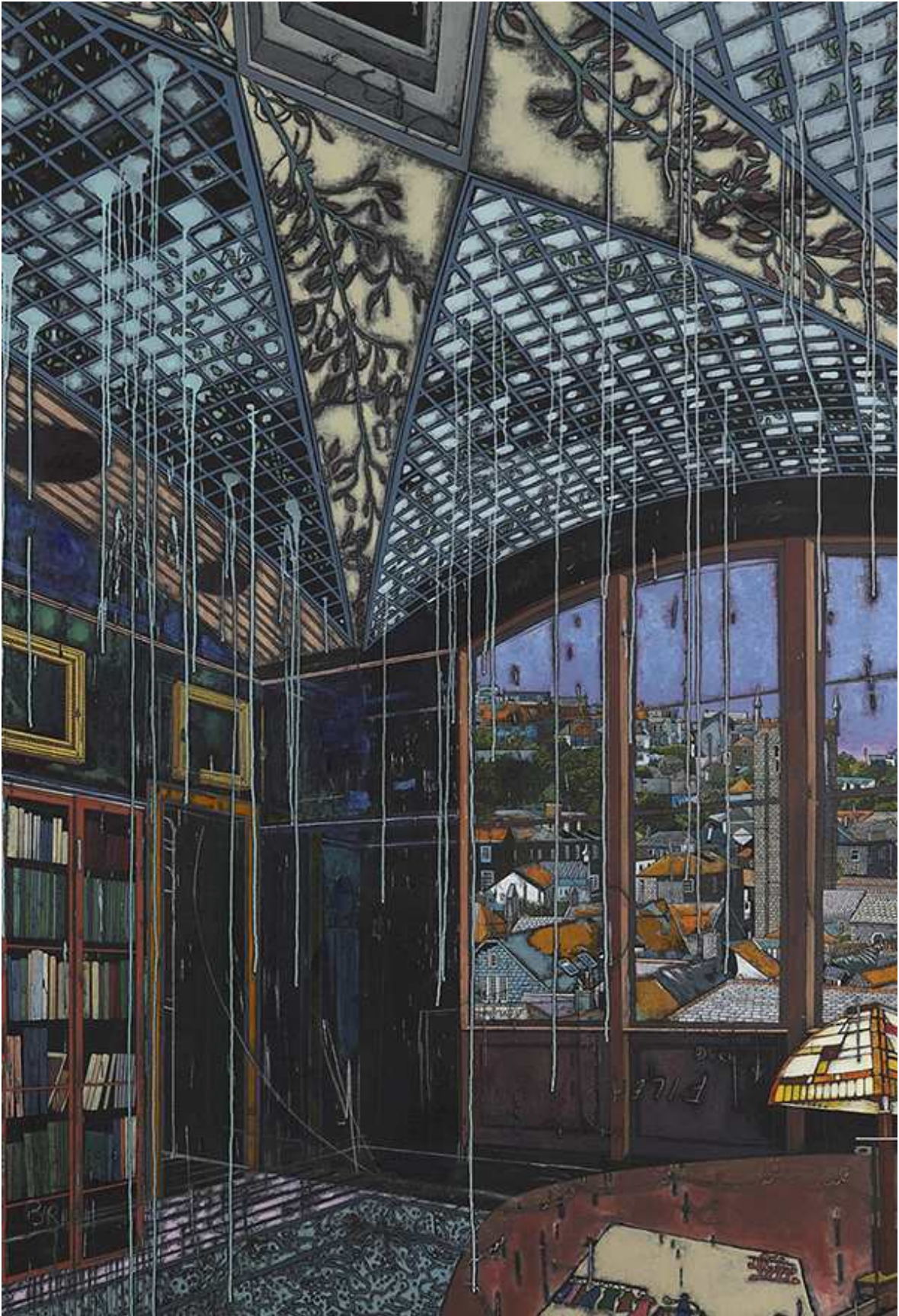
Yet seeing how often they had asked, how much had suffered, how often been mocked, it were wiser perhaps to lie there in the dark; to listen only; to let it say what it would — to chant, to croon, that it was a marvellous night, and the moon burnt through the blue like a rose. Through the open window the voice of the beauty of the world came murmuring, too softly for them to hear exactly what it said — but what matter if they caught the meaning? — how again and again the wave sweeps in splendour up the beach. The voice entreated the sleepers, if they would not actually come to the beach itself, at least to lift the blind and look out. They would see how the robes of the august God flowed down; his head was crowned; his sceptre jewelled; and in his eyes a child might look. And if the sleepers still faltered, and said, No: that it was vapour this splendour of his, and the dew had more power than he, without complaint without argument, the voice would sing its song. Gently the waves would break; tenderly the light would beam. And everything in the room — cupboards, basins, tables, — freshly ordered, straitly ranged — seemed to lie under the enchantment, placed more statelily to-night, conscious more gravely to-night of an order, of a purpose, which when day broke would be revealed.

Indeed, the voice might resume, as the leaves of the passion flower tapped the window, and the mazy pattern of leaf, chair, table all waved on

the floor, he was content with this; it was enough this – to fold the sleepers round in blue, to be, should they need him, waiting them there.

After all then why not agree? accept? Without losing their scepticism or sinking into the depths of acquiescence, they might, half turned, look out: assume some look that was not any longer rapture; lie watchfully awake and see how through a chink of the blind the splendid monarch flowed down; hear the vast sigh of all the waves breaking in measure round the isles; hear the birds begin and the dawn weave their thin voices into its white garment; hear the wheels begin and at last, forgetting to discriminate between wheel and bird, and letting at last the blue and purple fold itself about them, sink into night, sink into blue, and resign, and forget...

But ah! As falling, the faller shrieks and grasps the turf on the cliff's edge and saves himself, so, even as they fell, they were waked wide; they were raised upright; their eyes were opened; now it was day.



Tempo, erosão:
faróis e sinais de bruma

Michel Serres

Virginia Woolf lia Proust enquanto escrevia *Ao Farol*.⁷ Ela intitulou a segunda parte: “O tempo passa”. Para medir o tempo, precisava de um relógio; ela utilizou uma casa. Quem não viu, quem não sabe como envelhece uma moradia abandonada? Ventos encanados se esgueiram, as águas se infiltram nos interstícios; os ratos tomam conta; obstinadas, as aranhas tecem e se multiplicam; o pó se amontoa sobre as tábuas desconjuntadas... até o breve instante, leve como uma pluma, em que a cumeeira e o teto vêm abaixo de uma vez só. Em meio às urzes, amantes farão dessas ruínas sua pousada, intrusos aí farão seu piquenique... Da mesma maneira que o rosto e as mãos dos velhos se cobrem de rugas até a hora, leve como uma pluma... A cumeeira e as paredes carregam as marcas das intempéries e das semanas, das tempestades e dos tempos.

Amanhã iremos ao farol, se fizer bom tempo; não, o vento não sopra na direção certa. As línguas latinas dizem com uma única palavra os dois tempos que a língua inglesa, tal como a alemã, distingue: o caótico, do barômetro, e o harmonioso, do cronômetro: *weather* e *time*, *wetter* e *zeit*. Alinhadas aleatoriamente sobre um deles, as intempéries das latitudes temperadas, as chuvas, as brisas e a neve aceleram – pelo ritmo dos invernos e das primaveras, dos meses e das semanas, dos clarões amarelos do farol que varrem com sua luz as janelas e as paredes – o trabalho da temporalidade contada sobre o outro.

Por sua vez, as línguas indo-europeias juntam dois tempos que as raízes da palavra, provenientes de dois verbos gregos, distinguem: *teino* e *temno*. Um, contínuo como uma tensão – ao menos dez anos de ausência; o outro, descontínuo como um corte – o farol oscilante e regulado marca a medida, ritmada, digamos, a cada dez segundos, de um processo que não para nunca, num *tempo* rápido ou lento.

Todas as línguas, macias,⁸ que conheço juntam três tempos, que as ciências duras e a consciência íntima diferenciam: um, reversível e regular, gira ainda com o farol, tal como giram os planetas, a Terra entre eles, em torno do Sol: depois, dois outros: um – negativo, irregular, irreversível – segue ainda a erosão e o desgaste, a fadiga, a doença, a morte e a agonia; o outro – igualmente irreversível, mas novo e positivo –

jorra com o desenvolvimento crescente das oito crianças crescendo lindamente.⁹

As ciências e a experiência conhecem, enfim, um tempo que as línguas em questão fingem, tanto quanto sei, ignorar: aquele que se acumula lentamente por detrás de uma barragem ou de uma comporta e as leva de roldão num instante. A erosão se dá lentamente, mas, leve como uma pluma, de repente faz desabar todas as proteções.

Situada ao longo da Escócia, não longe de um porto entre as Ilhas Hébridas, portanto, à beira-mar e batida por ventos e pela chuva quase constante, *a casa-relógio universal conta a superabundante multiplicidade dessas durações*: precisa, Woolf não perde uma sequer. Intimista, *À la recherche* não as registra com tanta exatidão.

Objetos inanimados, vocês têm uma alma?

Virginia Woolf lia Proust enquanto escrevia *Ao Farol*. Numa primeira leitura, os dois romancistas têm em comum a preocupação inquieta do tempo, embora estejam longe de contá-lo da mesma maneira. Eles têm em comum a paixão pela pintura: Vermeer e Lily.

Mas há menos *weather* do que *time* nesse esteta parisiense, asmático, além de tudo, e, portanto, quase sempre confinado à casa; e tanto de mar, de vela, de rochas, de vagas e rajadas de vento quanto de duração interior na romancista inglesa. É o que, muitas vezes, nos distingue de nossos amigos britânicos, mais marinheiros que nós, incorrigíveis acósmicos que somos – intimistas de apartamento.

Por outro lado, Virginia Woolf dá às duas outras partes de seu livro os títulos de “A Janela” e “O Farol”, ou seja, coisas. De maneira contraintuitiva, nisso reside, entretanto, sua verdadeira semelhança com Proust; pois os objetos do mundo, inertes ou vivos – sebe, ondas, flores, vapores, *bœuf en daube*, xale, poltrona... – vivem, na insular, uma existência própria, tanto quanto as paredes, uma xícara ou nenúfares no solitário.

Celebramos, certamente, a acuidade intuitiva comum dos dois no que diz respeito à consciência interna e subjetiva da duração vivida, mas esquecemos de bom grado de ler neles a mesma sutileza quando se trata

das coisas do mundo. Coisas, eis aí, talvez, a palavra mais repetida de *Ao Farol*: as coisas. Ora, nos dois escritores, os objetos inanimados têm uma alma. Proust o diz expressamente quase no início de seu *À la recherche*: ele afirma querer se alinhar entre os antigos celtas que animavam os seres vivos e até mesmo os objetos inertes. Esta profissão de fé ilumina a leitura de sua obra. Virginia Woolf pratica a mesma religião e executa os mesmos ritos: “animistas” os dois? Eis aí sua visão do mundo. Juntos, eles anunciam na nossa uma cultura estrangeira que, esquecida dos celtas e dos estoicos, ria ao ouvir falar da alma do mundo.

E certamente, quando *o tempo passa*, a guerra mata um filho, uma filha morre no parto, mas o melhor dos contadores de tempo continua sendo a morada, muralhas inertes e móveis mudos, face às terríveis correntes de ar e aos insistentes gotejamentos – verdadeira batalha entre duas forças vivas, resistente, uma, contra a outra, que a assalta. Dotados de dedos infatigáveis, os filetes de vento – *anemoi*, em grego, de onde vêm a *anima* latina e o animismo universal – corroem as portas e se insinuem por entre as paredes; suas ventas sibilam e fazem perguntas; eles enviam seus espiões. As ervas daninhas batem na vidraça. Uma voz gigantesca grita tão fortemente de dor que os cálices retinem. As árvores gesticulam e se prostram. A luz se inclina em adoração diante de sua própria imagem. As flores, erguidas, olham à sua frente e, não vendo nada, parecem terríveis. A casa estala, grita, vive, sofre, envelhece, por um nada agonizaria.

Figuras de retórica? Não. Essa irrupção, que vem de uma outra cultura que não aquela que nos formata, nos enrijece e nos cega, um grande escritor a anuncia entre nós. Ele se torna grande por essa irrupção, que desarranja, desperta e obriga a ver diferente. Nossas convenções fazem com que não o escutemos nem o compreendamos. Proust e Woolf cantam a alma das coisas. Melhor: neles, a alma do mundo canta por si mesma. Leiamos ao acaso:

Pela janela aberta, a voz da beleza do mundo chegava murmurando, muito baixinho para se ouvir exatamente o que dizia – mas o que importava se o sentido era claro [...]. [Os adormecidos] veriam então a noite brotando em púrpura; a cabeça, coroada; o cetro, engastado de joias; e como uma criança podia olhá-la nos olhos. [...] então, delicadamente, sem queixa nem discussão, a voz cantaria sua canção.¹⁰

ESSE EST PERCIPI

Filósofo e príncipe consorte dessa ilhota encantada, Ramsay, o macho, repete à exaustão a questão de Berkeley: que acontece com as coisas do mundo quando não tem ninguém olhando? Céus, exclama Lily, aqui pintora e princesa, não tenho a mínima ideia do que isso significa. Antes de morrer, Andrew a ajuda: “Pense, então, numa mesa de cozinha quando a senhora não está lá”.¹¹ E ei-la sonhando com mesas penduradas em árvores.

Com Ramsay, como todos os filósofos, me colocava essa questão em minha juventude. Como sabemos, a resposta opõe duas escolas: a dos realistas, para os quais as coisas não fazem caso de serem percebidas e continuam galhardamente a existir na ausência dos homens; os camelos, correndo o risco de serem atropelados, percorrem alegremente o deserto da Austrália, mesmo quando nenhum aborígene ou nenhum motorista de caminhão os vê atravessar a rodovia; há quinze bilhões de anos, o universo dava um jeito de nascer sem nós; chegou a atravessar uma barreira antes que Planck a erigisse... Inversamente, a seita dos idealistas pretende que os mencionados camelos se esvanecem e se dissolvem no ar transparente quando se ausentam da percepção e da consciência dos filósofos que, tendo-os outrora observado, agora limitam-se a discuti-los em seus gabinetes, sem tê-los mais à vista. Não existem estrelas antes que os astrônomos as nomeiem; não existem micróbios antes que Pasteur os veja e pretenda tê-los descoberto. Essa pretensão fazia rir o meu irmão, para quem os seixos do rio Garonne¹² existiam duramente antes que ele os dragasse da água e os triturasse – pois a draga, à medida que avançava, nunca falhava –, mas a razão, curiosamente, tal como a língua, acompanha, neste caso, a arrogância, de maneira que juntas, as três demonstram a segunda resposta, peremptória. Certamente, as estrelas, antes, se reduziam a pregos de ouro cravados na abóbada do firmamento e os chamados micróbios simplesmente a nada. Certamente, a primeira resposta, com sua crença, dura como ferro, de fato apraz ao bom senso, ao meu em particular, mas, indemonstrável, ela exige um ato de fé, quase religioso; sempre posso pretender, de minha parte, que esses camelos

existem sem mim, mas, na ausência de qualquer testemunha precisa que os perceba diretamente, nunca terei prova disso. Que dizer desses animais invisíveis, indizíveis, de existência tão indemonstrável quanto inefável? Dir-se-ia que, com efeito, eles se esvanecem. Berkeley, é certo, não chega a tanto.

Assim, ao menos em filosofia, os idealistas sempre levam a melhor sobre os adversários. Sim, ser é ser percebido: *esse est percipi*. Tenho vivido, pois, entre colegas que têm sempre razão. Pouco ligando para essa vantagem dialética e fiel à minha infância de dragagens duras, eu continuava realista... até *Ao Farol*. Visitá-lo me fez mudar de opinião. Sem Planck, com efeito, teria alguma vez existido – sob qual modo de existência? – alguma barreira atrás da qual até o nosso físico se esconde? Como se comporta, pois, a mesa de cozinha quando Lily – e os outros – deixam a casa?

“O tempo passa”, justamente, responde de sobra a questão. Boa filha, Virginia Woolf escreveu este livro para resolver o problema da percepção ou porque ela queria resolver ou acreditava ter resolvido a questão do pai? Seu romance põe termo à aflição cômica e cruel desse filósofo. Ele caminhava dizendo: fracassado, não irei até o fim do alfabeto dos pensamentos humanos: A, B, C...; paro e hesito, bloqueado diante do Q. Ao R! Virginia vai até o ômega. Ela sim, ela chega ao seu Farol. E me convence. Sim, escrevo isto para lhe dizer obrigado.

E agora, tente enxergar com todos os seus ausentes olhos as coisas quando você não as vê, ou melhor, quando ninguém no mundo as vê! Considere, então, como, no romance, a mencionada mesa de cozinha – *pense, então, numa mesa de cozinha quando a senhora não está lá* – transforma-se em casa vazia e solitária durante os anos de guerra em que, com a família e os amigos em Londres ou em algum outro lugar, dura o tempo da erosão, em que uivam os ventos de inverno, em que chove a chuva do luto, em que a guerra amontoa os mortos... – *em que, precisamente, ninguém a habita*. Você acaba de ler a degradação dela. “O tempo passa”, justamente, responde de sobra a questão.

Assim, cabe a certa cultura animista, de posse dessa clara descrição do tempo e da duração, apresentar a solução do problema da percepção tal

como colocado, à imitação de Berkeley, por Ramsay: que acontece a uma casa durante o tempo em que ninguém a habita, ninguém a mantém, ninguém a aprecia, ninguém a pinta? Resposta: por ventos e ratos, por águas e fissuras... chegam necessariamente a decadência, a demolição, a destruição, o desabamento, a erosão, o envelhecimento... tudo isso acompanhado de mortos – ausentes, fantasmas, olhos sem olhar – para contemplar sua queda... ela vai morrer, exatamente como a Sra. Ramsay, inolvidável pela beleza, como Prue no parto, quando ela não tinha tido um ano de felicidade, como Andrew na guerra, quando ele tinha tudo para se tornar um grande matemático... Ratazanas e borbotões, poeira e rachaduras... e *in pulverem reverteris*...¹³ Que acontece à casa quando o tempo passa? Ela se aproxima do instante em que vai desabar: “[...] quando uma pena, se posta na balança, fará descê-la. Uma única pena, e a casa, afundando, caindo, teria virado e se precipitado em direção às profundezas da escuridão”.¹⁴

Melhor ainda: talvez as coisas inertes sofram mais duramente o tempo do que os vivos e se defendam menos. Questões: como se opor às devastações da erosão? Quem consegue? Nós? O que permanece ou desaba e desaparece? Como viver, aqui, agora e a contratempo, a eternidade? Qual vento, animando os vivos, decompõe as coisas? Qual brisa, qual animação as reconstruiria? Certo animismo põe novamente o nariz para fora.

Aumento da entropia

Quando ninguém está mais ali, presente, cozinhando, jogando cartas, passeando no jardim, pintando, entre a árvore e a sebe, o conjunto formado à janela, tal como em Rafael, pela mãe e o filho... reina a degradação, à qual, muito idosa, fraquejando das velhas pernas, a Sra. McNab, a criada, pano de prato na mão, se opõe muito precariamente, uma vez que ela própria a sofre, num corpo alquebrado, as costas doendo, uma fala confusa. A degradação, a desordem, o desabamento: a entropia.

Entropia: palavra mágica de fim de século, ao fim da revolução industrial, melhor seria dizer termodinâmica; grande temor dos anos que antecedem o início do século XX. Angustiados, eles diziam: deixado à própria sorte, o calor vai esfriando; assim, abandonada, a unidade

ordenada, harmônica, se decompõe, por si, em caos; inteiramente só e, novamente, por si, o mundo, ardente, e nós, tépidos, vamos logo morrer de frio... gelo e ruína dos objetos inertes; fadiga, erosão, envelhecimento e morte final dos seres vivos, indivíduos ou espécies... Não importa o que façam: todas as coisas perecerão. À época, o rumor social e a história da decadência encontrarão, pois, para certificá-las, essa palavra da técnica e da ciência, vulgarizada, quase universalizada: corremos em direção à entropia crescente.

Sem Woolf e seu *Ao Farol*, quem notaria a que ponto esta palavra tardia, termodinâmica, respondia à questão dos idealistas? Ausente-se da casa, ela, sem dúvida, desabará. Foi preciso que, teimoso, fracassado, mimado, magro e mau, Ramsay *a reformulasse antes, precisamente, de deixar os lugares onde ele a formulou*.

Daí o tempo duplo de há pouco. Hoje: o vento não é favorável, o tempo está muito ruim, não vamos ao Farol. Ao terror *entrópico*, então difundido e por toda parte partilhado, descoberto nas máquinas térmicas e matematizado por Boltzmann, opõe-se, então, o tempo de Darwin, o da evolução das espécies, cujas formas vão, mutantes e selecionadas, em direção a uma maior complexidade; melhor ainda que essa evolução criadora, Bergson, ele próprio, tal como Proust, tal como Virginia Woolf – vitalistas? animistas? – fala do elã vital, de sua duração inovadora, de seu jorro ininterrupto de novidades imprevisíveis; da mesma forma Péguy descreve a história em *Clio*... logo Brillouin definirá a *neguentropia*¹⁵ ou, dito de outra forma, a informação. Amanhã, singraremos a todo pano em direção ao Farol.

Daí os dois tempos, irreversíveis e opostos, muito brevemente descritos no início, cuja emergência e oposição nem as línguas nem os filósofos tinham previsto. No mundo, inerte ou vivo, tal como em nós, residem e passam esses dois tempos. Enérgicos e duros, entrópicos portanto, trabalhamos e morremos; mas também pensamos e percebemos; macios, trocamos sinais. Neguentrópicos? Da mesma forma, pelo mundo passam ventos ruins, duros e destruidores, mas também esses sopros macios que se assemelham ao espírito, *spiritus*, o sopro – ao menos, ao da informação.

Esse sopro macio irá logo se tornar tão real quanto o próprio material, quanto o duro? Imensa revolução nas ciências e nos ofícios.

Retomada da resposta

Novamente: quando a casa fica só, ela definha; a segunda parte do romance descreve, expressamente, essa decrepitude. Mas a terceira a retifica, a retoma, a enfatiza: o que é feito, na verdade, dessa morada familiar e amigável, quando a dona da casa, morta, não retorna? Vacuidade, viuvez. No curso da primeira parte, a casa existia com densidade, sob e pelos olhos da Sra. Ramsay, *de tal forma que a beleza de uma sustentava a plenitude e a harmonia da outra*; eis que a mesma morada as perde sob os olhos do filósofo, sozinho, *viúvo como ela*, e “cujo olhar parecia cair tristemente sob a grama ensolarada e desbotá-la”.¹⁶ *A percepção muda o percebido*. Ela o transforma, faz até mesmo com que renasça. Eis aí três casas em três partes: a primeira, cheia de crianças, jovens e belas, brilhante e densa como um diamante; a segunda, vazia de hóspedes, entregue à entropia das intempéries; a terceira, reabitada, reabilitada pela metade, por um viúvo e por órfãos, e que a visão anamnésica de Lily e sua tela enfim equilibrada buscam manter em existência.

Mude de casa. À medida que sua casa se esvazia, você não a reconhece mais. Eu morava nesse casebre? Com a sua partida, papéis de parede desbotados, repartições, portas e assoalhos privados das linhas ritmadas pelos móveis, entram em estado de viuvez. Basta que fulano ou sicrano tome o seu lugar e eis que a casa adquire todo um outro jeito, uma nova personalidade, como se, viva, pois que percebida, ela se adaptasse às percepções e à vida de seu novo locatário. *Os cinco sentidos*¹⁷ a denominam Casa, nome próprio, e não a casa, nome comum: primeiro crime de animismo? Esses lugares, têm eles uma alma ou são nossas percepções que lhes dão uma alma? Essa experiência banal que diz respeito ao nosso *habitat* pode ser generalizada para os dados do ambiente, pode ser universalizada para aceder à casa do mundo? Que os olhos do filósofo desbotam a grama, que os de sua mulher, bela, a tornam, ao contrário, deslumbrante... como se – o que eu acreditava – a beleza

salvasse o mundo... Virginia Woolf conduz o leitor a essa conclusão. Nossa percepção se oporia, então, à entropia das coisas? *Existiríamos como faróis?*

Beleza da anfitriã

Pode-se dizer o mesmo das relações humanas. Certamente, a casa desfruta ou não da presença da dona, mas Lily também, mas o marido também. A primeira parte conta o que se passa quando a Sra. Ramsay está presente. Na segunda, ela se afasta da Casa e de seus hóspedes. É preciso, pois, salvar uma e outros; uma, pintando-a; os outros, indo de barco ao Farol. Viúvo e órfãos sentem falta de serem vistos pela esposa e pela mãe, de serem falados por ela, de serem *percebidos por ela... de serem, portanto, em virtude dela*. Primeira parte: todos tinham, já, um farol para poderem existir – a mãe, tão bela; iluminados, não tinham, pois, necessidade de ir até lá. Terceira parte: viúvo e órfãos, eles devem, pois, aprestarem-se para o Farol.

Virginia Woolf diz com precisão: eles tomam. Filósofo, Ramsay toma; ele só sabe tomar e nunca dar. Animal nojento. Quanto a ela, mulher e mãe, ela dá todo o tempo, ela dá aos filhos, ao marido, aos pobres ao redor, tricoteia para o filho do faroleiro, dá refeição aos hóspedes, calor à casa... ela dá tanto que morre disso. Ela dá seu tempo; ainda que o consideremos como um elemento dado que não precisa de mediação, ela dá o tempo. Mais do que contá-lo, ela dá o tempo, ela o produz.

O Farol dá luz e proteção. A Sra. Ramsay protege e reluz: não vale a pena correr ao Farol, pois o temos, e melhor, em casa; na terceira parte, ao contrário, é urgente ir até lá, pois a mãe para sempre se ausentou. O Sr. Ramsay diz que há razões não ditas para organizar a expedição: há, certamente, necessidade dessa luz e dessa proteção para poder existir. Ele corre ao farol, à mulher, à mãe, ao mar, em direção a múltiplas originais.

O que vale para as relações humanas – existiríamos sequer, nós, os machos da espécie, se uma mulher não nos olhasse, não nos falasse, não se voltasse para nós, não nos percebesse, não nos dissesse, às vezes, que nos ama?... – continua verdadeiro para as coisas e o mundo. O jardim, a janela,

as flores, a sebe, a baía, o mar e o vento... existiriam eles sem a beleza da mãe, sem seu olhar extático, sem a visão de Lily, sem o quadro que ela pinta? Toda a primeira parte, “A Janela”, faz tudo existir pela percepção da bela Sra. Ramsay. Sua percepção faz o mundo; nossa percepção faz o mundo; melhor ainda, a beleza que criamos o cria. Sem essa beleza, ele desmoronaria. A Sra. Ramsay morre, a casa desmorona. Serão precisos o quadro e a percepção, enfim perfeitos, de Lily para a troca de guarda. Sem beleza, a morte.

Interlúdio sobre a poluição

Como os capitães de petroleiros que esvaziam os tanques em alto mar percebem o oceano? Que percebem da paisagem rural os que poluem com cartazes as entradas das cidades? Como consideram o mundo os que o tornam imundo? Se o considerassem tão divinamente belo quanto, evidentemente, eu o percebo, respeitariam o espaço e os seres vivos que eles assassinam. Percebem eles, talvez, da mesma maneira os amigos, a companheira, o filho; tão feios, tão ausentes, tão indiferentes que matariam os que os rodeiam assim como o ambiente? Certos diretores de redes de televisão e outros produtores certamente proíbem seus filhos de verem suas produções televisuais. Como veem a si mesmos, de manhã, ao espelho, ao se barbearem?

Hoje, nosso mundo corre perigo não apenas pelas razões que conhecemos, energéticas e duras, técnicas, financeiras ou industriais, mas também, e talvez sobretudo, porque os responsáveis pelas decisões das grandes empresas que se estendem no espaço perderam a sensação, o sentido hominoide da beleza – hominoide porque remonta, no mínimo, às percepções e às pinturas de Lascaux; hominoide porque *sapiens* significa: aquele que tem gosto. Será que ele durou tanto tempo porque vivia na beleza? Não perceber equivale a perceber mal; perceber mal enfeia; enfear sua companheira a mata; enfear o mundo o mata; não perceber o mundo o enfeia e o mata. Não o destruímos apenas por gases devidos ao efeito estufa, mas pela cegueira, produtora de ignomínias. Não vemos mais o mundo; perdemos nossos Faróis ou os condenamos a extinguir sua luz. Quem e o que percebemos nós? Como?

Como se opor à entropia?

A luz do Farol e a luz difundida, minúscula, pela vela de Carmichael, poeta, se opõem, precariamente, brevemente, timidamente à invasão gigante das trevas, cuja opacidade traz pequenos ares ruins, desmembrados da massa do vento, que se infiltram, se insinuam, penetram em todos os cantos, como inimigos, quando podiam agir como aliados. A morada sofre o seu ataque e não lhes pode resistir.

Exatamente um pouco antes do instante, leve como uma pluma, em que ela deveria ter desabado, George, o filho da Sra. Bast, pega os ratos e corta a grama. Chegados inesperadamente, os carpinteiros consertam paredes e mobiliário. Lily retorna; James e Cam, Carmichael e Ramsay retornam; eles reabrem a casa, reacendem o fogo, esquentam o café. Outrora, o filósofo havia impedido o filho, cheio de ódio, desesperado, de ir ao Farol. Hoje, ele o obriga a uma travessia que não deseja mais, fomentando ainda mais o seu ódio.

Conseguiremos diminuir a entropia crescente? Conseguiremos ir contra o seu irreversível curso de degradação? Sim. Quem teria acreditado nos idealistas antes de ler *Ao Farol*? Virginia Woolf nos convence. Por quê? Como? No jardim, diante da janela, Lily acaba de reinstalar seu cavalete...

Meu próprio tempo: o calor e a entropia

Meu tempo também passa. Outrora, impelido pela história da termodinâmica e, portanto, sem dúvida, por algum dos demônios de Maxwell, escrevi, já vão mais de trinta anos, um primeiro *Faróis e sinais de bruma*,¹⁸ sobre Zola. Pela luz da Souleidade,¹⁹ casa do Midi,²⁰ e sob um calor opressivo, o doutor Pascal tenta aclarar, com sua douda inteligência, a árvore genealógica dos Rougon-Macquart; a mancha rubra desse nome e de certa fissura marca dramaticamente a série familiar, infestando-a com efeitos devastadores. O calor aqui se arrefece, o sol se extingue, a degradação, a corrupção, o vício, até mesmo o crime, em suma, a decadência... fazem o seu trabalho. Nem mesmo o pintor Cézanne consegue, com seu gênio, vencer essa ladeira; ele fura sua tela e morre. *O sonho*²¹ e sua sequência branca²² conseguirão? Talvez o conhecimento,

talvez a ciência médica do doutor? Eis aí, semeando a bruma de breves clarões, dois faróis: Angélica com as rendas e Pascal com a ressurreição. Conseguirão eles, saberão eles ir contra a irreversível, irresistível corrente dessa tendência à desordem? Zola descreve e segue o fluxo entrópico, duro, que arrasta todas as coisas e, em particular, a gênese dos seres vivos; sob a biologia da época, ele adivinha a física e a termodinâmica que lhe estão associadas; enfim, ele pressente, vagamente, sem poder vê-la, uma suave esperança de contracorrente. O nome e a marca dos Rougon-Macquart, esta mancha rubra, evoca mais uma fissura, dura, que um código, macio. Tomado, congelado, portanto, pela entropia, até mesmo em *A obra*,²³ Zola não parece adivinhar a saída, o que só ocorre em *O sonho* e em *O doutor Pascal*. Virginia Woolf atinge aquilo que Zola não consegue; ela escreve, novamente, *A obra*: a janela da percepção, o quadro de Lily, o tempo verdadeiramente redescoberto.

Faróis e sinais de bruma, Zola: duro. Biologia, genética, física. *Faróis e sinais de bruma, Woolf*: macio. Luz, pintura, percepção. Em Zola, fogo significa fogo, sol, incêndio, calor, energia e devastação; em Virginia Woolf, fogo significa farol, sinal luminoso. Zola: fogo ardente e arrefecimento; Woolf: clarão brilhante, antes, durante e depois da invasão das trevas. O Farol brilha, a Souleiade arde.

Sob o tempo vital, Zola-Pascal já experimenta, narra e concebe talvez o fogo da termodinâmica e o aumento da desordem; ele não conhecia a entropia – intuía-a? Sob a duração em geral e sem que ela jamais tenha conhecido a neguentropia nem aquilo a que depois daremos o nome de “informação macia”, Virginia Woolf a intui, a narra, certamente: será que ela a concebe? Senão por que Zola teria oposto ao colapso da família tanto a brancura dos Sonhos de Angélica, a rendeira, e dos algodões da Extrema-Unção quanto a luz da Souleiade e os amores juvenis do velho Pascal? Por que, da mesma forma, a romancista inglesa teria colocado em cena uma casa feliz, depois prestes à ruína e, finalmente, renascente sob o olho de Lily e a perfeição enfim encontrada de seu quadro?

Os dois respondem a essas questões. Como? Não sei, mas vejo Zola e Virginia, sem saberem, avançarem às cegas sobre o tempo do saber, iluminados por fulgurações. A novidade se encontra, às vezes, nos

domínios distanciados dos lugares onde a buscamos. Ocorre que a filosofia, que a arte, aqui a literatura e a pintura, cegamente intuitivas, antecipam-se às invenções das ciências positivas. A neguentropia, em geral, e a do ser vivo emergem cem anos após os Rougon-Macquart e vinte anos após *Ao Farol*. Inversamente, podemos realmente compreender essas obras sem o surgimento inesperado, sem a imprevisível novidade desses conhecimentos emergentes? Num movimento retrospectivo, elas lhes dão um sentido.

Interlúdio sobre os machos

De passagem, outra novidade: *machos*, *duros*, inúteis, fanfarrões; *mulheres*, *macias*, eficazes e vivas. “Homenzinho odioso”,²⁴ diz, com toda razão, a Sra. Ramsay a respeito de Tansley, o emulador de seu marido. Os homens, aos quais, segundo a Sra. Ramsay, “falta alguma coisa”,²⁵ não veem senão sua vaidade, não falam senão de política inútil, não parando de repetir, doutos símios, as citações dos outros; o poeta sempre se deita como uma lesma, digerindo sua dose,²⁶ arriado no jardim. Durante esse tempo estupidamente perdido, as mulheres, densas de percepção e de existência, vão contra a entropia. Elas retomam o trabalho que o doutor Pascal começa, no fim dos Rougon-Macquart, na ofuscante luz da Souleiade. Uma, à janela; a outra, com um farol.

Enquanto *o tempo passa*, “Lenta e penosamente, com balde e vassoura, lavando, esfregando, a Sra. McNab, a Sra. Bast detinham a decomposição e o apodrecimento”.²⁷ Elas “recuperavam”, diz o texto, “do atoleiro do tempo, que se fechava rapidamente sobre elas, ora uma bacia, ora um guarda-louça; tiravam do esquecimento, numa manhã, todos os romances da série Waverley e um serviço de chá”.²⁸ “Oh!, disseram elas, quanto trabalho!”²⁹ Eis aí os atos; mas eis aqui a percepção: as duas autênticas heroínas do romance, a Sra. Ramsay em êxtase em “A Janela” e Lily, visionária frente ao *Farol*... descobrem, por sua parte, entre as coisas espalhadas, desordenadas, caóticas, a inolvidável e imóvel essência que não varia nem muda.

Mais uma vez, como se opor à entropia? Como ir contra a degradação e até mesmo contra a morte? Curiosamente, a autobiografia da romancista passa pelo personagem da artista pintora. Lily instala seu cavalete diante da Janela e, ali, na primeira parte, não consegue terminar seu quadro. Por quê? Porque o trabalho neguentrópico se faz sob o olhar vivo da Sra. Ramsay, por sua beleza, por seu êxtase à mesa, pela unidade, quase eterna, que ela dá a cada cena, à família, ao grupo, e até mesmo ao *bœuf en daube*³⁰ – um triunfo! Nada resiste a seu rosto. Última frase: “E, sorrindo, ela *olhou* para ele. Pois havia, outra vez, triunfado”³¹ (Ênfase minha). Na terceira parte, Lily reinstala o seu cavalete. Última frase: “Com intensidade repentina, como se a visse claramente por um segundo, traçou um linha ali, no centro. Estava feito; tinha terminado. Sim, pensou, largando o pincel com extrema fadiga, tive a minha *visão*”³² (Ênfase minha).

Que é, pois, o olhar, a visão, em suma, a percepção? Voltemos ao problema e à solução, decididamente idealista: *esse est percipi*, ser é ser percebido. Que relação se pode conceber entre esses dois verbos, entre a existência, tão dura, e este ato, tão macio? Entre a mesa de cozinha vista, evanescente, e a mesma mesa, de madeira dura, numa casa de tal maneira mergulhada na escuridão que não se pode mais saber o que é o quê? “Não era só a mobília que se desintegrava; não restava quase nada de mente ou corpo pelo qual se pudesse dizer ‘isto é ele’ ou ‘isto é ela’.”³³

Realista até à ponta dos dedos e à medula dos ossos, eu respondia, novamente: não, o Big Bang explodiu sem precisar de mim nem de ninguém para percebê-lo; não, ainda há pedras em Garonne, mesas na cozinha, poltronas e camas na casa, mesmo que ninguém se sente ou durma nelas.

Fechner e Brillouin

Meu tempo também passa. Muito antes que aparecesse meu primeiro *Faróis e sinais de bruma*, sobre Zola, escrevi um ensaio sobre a lei de Fechner-Weber, tão famosa nos últimos anos do século XIX que Bergson consagrará sua tese – *Ensaio sobre os dados imediatos da consciência* – a

crítica-la. Segundo a lei, a intensidade da percepção se mede pelo logaritmo da excitação. O filósofo se diverte às custas do psicofísico, ao relativizar o aspecto quantitativo da fórmula. Existem grandezas intensivas? Diga-me, nesse caso, *quanto* calor você sente, *quanto* você sofre; atribua uma ordem aos seus prazeres, etc.

Mais de cinquenta anos após essa polêmica, Léon Brillouin publica *A ciência e a teoria da informação* e, tentando definir essa última, descobre que ela se mede pelo logaritmo da raridade. Lançando-me sobre essa analogia, acreditando ver alguma relação entre as duas formulações, escrevi, então, meu ensaio, com o objetivo de aproximar a percepção da neguentropia, em outras palavras, para *encontrar informação no ato de perceber*. Continuo sob o efeito desse choque, agora distante. Virginia Woolf desperta minha antiga e dissipada intuição, sem dúvida roída pelos ratos e inundada pela chuva.

Pode-se realmente aproximar a percepção da informação? Perceber permite, diferentemente da vida, ir contra a entropia? *Ao Farol* descreve, parece-me, essa proeza com exatidão e, com isso, supera Proust e seu *Le temps retrouvé*, no qual, ao que parece, ele não dá sinais de ter descoberto essa importante analogia. Ou: talvez ele a tenha descoberto sem nos contar, ou tenha escrito sobre ela sem que eu nunca tenha sabido lê-la?

Uma vez mais, reformulo a questão de Ramsay: em que se transformaria o mundo sem os homens? Em que se transformaria o *esse* sem o *percipi*, o ser das coisas sem que as percebamos? Virginia Woolf: ele e elas desmoronariam como a casa das Ilhas Hébridas. Ao contrário, a percepção corta a grama e pega os ratos, faz o *bœuf en daube* para que se veja a Sra. Ramsay triunfar, reinstala o cavalete no jardim para que Lily veja. Virginia Woolf escreveu seu *Ao Farol* para descrever desesperadamente, com fineza, precisão, intensidade, por meio de dois êxtases divinos... a percepção: a sua e a das duas heroínas. E para afirmar que ela sustenta o mundo.

Que significa ir ao Farol? Resposta: descobrir seu clarão, ir ver uma luz? Os que nunca navegaram frequentemente utilizam essa metáfora banal, própria de pedestres. Não, um farol não clareia como a luz do poste ilumina a rua. Para que serve, então? Como ponto de referência à noite,

seu *tempo* circular e reversível, seus eclipses ou seus clarões, cobrindo os baixios, impedem, na verdade, que os barcos se choquem contra os rochedos que eles assinalam. Com seu clarão, o Farol oferece proteção; com sua luz, domina os recifes; com seus raios, salva a vida das naves, dos marinheiros. Brando e quente, forte e fraco, luz e sinal sonoro ao mesmo tempo, seu brilho, mas, neste caso, seu brilho apenas, se opõe verdadeiramente à potência, dura e inevitável, das vagas que arrastam as embarcações em direção aos rochedos. Fulguração contra força, eis aqui a lição principal desse farol e, em geral, dos sinais de bruma; o signo protege do risco: sim, *o macio se opõe ao duro*. Ele vai contra a entropia. Por mais débeis que sejam os números que medem a quantidade de informação contida em seu foco de luz, eles têm o poder – qualitativo, raro ou miraculoso? – de ir contra a corrente dos fluxos gigantescos da potência das vagas de tempestade, de escala entrópica. O Farol reluz na tempestade; o som e o sentido da sirene atravessam a bruma. Eles salvam.

Da mesma forma, por sua luz, a percepção-farol nos protege. Não apenas a nós. Certamente, ela guia a vida de nossos corpos; cegos, surdos, agêusicos,³⁴ anósmicos...³⁵ morremos queimados, envenenados, caindo de barrancos... mas ela também protege as coisas do mundo. Sem ela, o que seria do mundo? Ficaria presa sob “o fecho da caixa de pintura” que Lily travara mais firmemente do que o necessário, com a argola do fecho parecendo envolver “num círculo, para sempre, a caixa de pintura, o gramado, o Sr. Banks, e aquela incontrollável diabinha, Cam, que passou em disparada por ela.”?³⁶ Quanto mais percebemos, mais o mundo existe, menos ela arrisca fracassar; a beleza que nele encontramos aumenta a sua essência.

Engano-me, exagero? Não: a percepção – veja a lei de Fechner – equivale à neguentropia – veja a lei de Brillouin –, propicia informação, propicia ordem na desordem. Ela vai contra a entropia do mundo; melhor ainda, ela o aperfeiçoa. Ver o mundo nos torna encantados, mas nossas visões também o tornam encantado. Se nossas percepções realmente percebessem, nós faríamos com que o mundo se tornasse encantado.

O êxtase e a beleza da Sra. Ramsay resgatam a banalidade tagarela do grupo; o quadro de Lily, reerguido, concluído, contribui para o

reerguimento da morada decadente e do jardim, salvando-o da degradação e tirando-o do olvido. Quantas vezes as duas mulheres veem o entorno *cheio de existência*? Ele é assim porque elas o veem assim: *esse est percipi*. Perceber os seres enche-os de ser. Por suas percepções, os homens – os seres vivos? –, neste caso, as duas mulheres, criam neguentropia, produzem informação, se opõem à degradação irreversível das coisas. Faróis macios, elas protegem o mundo duro. Para que ir ao Farol, se Lily e a Sra. Ramsay exercem aqui mesmo esse papel? Apenas o marido-filósofo precisa ir até ele: ele nunca percebe nada que valha, não percebe nunca o mundo, não percebe nunca coisa alguma. Triste, seco, desencantado.

Animismo?

Não somos, certamente, os únicos a nos comportar como faróis e sinais de bruma; nem os únicos a perceber; somos, talvez, os únicos a acreditar que carregamos, sozinhos, em nós, a maciez dos signos, em companhia, muitas vezes, de um monstro perigoso. Não, até mesmo as coisas e os seres vivos carregam códigos neles e com eles e o mundo também; eles os armazenam, os tratam, os recebem, os emitem. Isso quanto à ciência.

E agora quanto ao vivido. Os grandes uivos dos lobos em matilhas, a plumagem das aves-do-paraíso, as serpentes e os pólens envenenados, os tons das orquídeas, o gemido feminino das geleiras em processo de descongelamento, a música cadenciada da brisa, o sorriso imenso do oceano e dos paredões enfeitados de agarras, das montanhas... também servem de faróis. Percebemos e conhecemos o mundo da mesma maneira que o mundo se percebe e se conhece a si próprio. O ruído de fundo de meu corpo ouve o ruído de fundo do mundo: harmonia, anarmonia, desarmonia? Nossas conversas imitam as que, obstinados, os cristais, as moléculas, as nuvens, as falésias e os rios não param de manter entre eles. Vivemos como partes do mundo. Cabeças-planetas sobre pés de barro. Objetivo e subjetivo confluem confusamente. Retorna, assim, certo animismo, o de Proust e o de Woolf, na humilde companhia do meu.

A percepção recebe, emite, trata e armazena informação. Ela funciona, assim, de maneira universal.

Numa página do romance, com frases sublimes, a Sra. Ramsay torna-se, ela própria, o clarão do farol que ela olha:

Olhou por cima do seu tricô e encontrou o terceiro clarão e teve a impressão de que eram os seus olhos encontrando os seus próprios olhos, sondando, como só ela podia sondar, sua mente e seu coração [...]. Era estranho, pensou, como, quando estávamos sozinhos, nos apoiávamos em coisas inanimadas; árvores, regatos, flores; sentíamos que elas nos expressavam; sentíamos que elas se tornavam nós; sentíamos *que nos conheciam* – em certo sentido, *eram nós*; sentíamos por elas uma ternura tão irracional (olhou para aquela longa e firme luz) quanto a que sentíamos por nós mesmos.³⁷ (Ênfase minha.)

O que é a percepção? Uma fusão do sentir e do sentido. Uma noiva indo ao encontro de seu bem-amado. Preparada, destinada a se deixar fundir por ele, a se fundir com ele e nele.

Assinar novamente O contrato natural

Armados de bastões, dois inimigos se batem duramente nas areias movediças. Assim começa *O contrato natural*,³⁸ deslumbrando-se diante da intuição que um quadro de Goya põe à mostra. Aqui, a terra, o solo, a areia movediça, o lodo pegajoso se estendem como um Terceiro nesse jogo a Dois, nessa luta de morte em que os dois combatentes, formando, por seus gestos comuns, imitados, especularmente simétricos, um verdadeiro casal, se opõem, de fato e juntos, a um ambiente viscoso do qual o calor da batalha os impede de tomar consciência, acabando sufocados pela resina que os envolve.

Dessa evidência nascerá a ideia, cuja ousadia chocará os meus contemporâneos, de que, ameaçados de morte iminente e certa, nós, os homens, sempre rancorosos, mas doravante armados até os dentes, deveríamos fazer as pazes com o mundo, mais do que entre nós, que deveríamos, pois, assinar com ele um Contrato do mesmo tipo que os acordos de armistícios que assinamos entre as nações, para pôr fim a todos os conflitos. A Guerra Mundial reafirma essa urgência.

Como não dar razão a meus críticos, por que não mergulhar mais ainda nos pressupostos deles e nos meus? Que fantasma, riam-se eles então, assinará esse manifesto, do outro lado da mesa de negociações? Para que um tal ato se consumasse, seria preciso acreditar que existe uma instância animada de intenções, uma espécie de sombra – Senhora Natureza? – que

chegaria (de onde?) para tomar assento à nossa frente e discutir suas cláusulas e rubricá-las com sua própria mão; que, portanto, o autor do *Contrato natural* aceite o ridículo do animismo. Outrora, levantaram contra Rousseau, o autor do *Contrato social*, um argumento desse tipo: quem o assinou, onde e quando? A história pode informar os seus autores, a data e o lugar?

O *Contrato natural* pressupõe, na verdade, o próprio fundamento que esses críticos alegavam. Eles, contra, e eu, a favor, não pensamos, juntos que, diversas, as culturas humanas se distinguem da natureza, única, ou, como se prefere dizer hoje, de seu ambiente, que forma uma instância de uma outra essência que não a delas? Em acordo, não acreditávamos, os dois, que existe, de um lado, sujeitos, pensantes, observadores e ativos, por si só, e, do outro, objetos, inertes ou vivos, não faz diferença, sem pensamento, passivos, em si? Se eles se diferenciavam assim, por que não se reencontrariam, não discutiriam, por que não se permitiriam, enfim, um tratado de paz? É preciso que o objeto se torne sujeito.

Ainda o animismo?

Teóricas ou experimentais, abstratas ou técnicas... nossas ciências pressupõem, diz-se, esta atitude: à parte, a cidade dos sábios estudaria, dominaria, enfim, o universo: à parte. De um lado o microscópio, o olho, o observador; de outro, as células ou moléculas a serem observadas. Melhor ainda, nós as arrancaríamos do mundo para encerrá-las no laboratório.

Nossas leis pressupõem o mesmo fundamento: Não são necessários dois grupos, com interesses divergentes, para se poder negociar um pacto? Cientistas, juristas, filósofos, nós pensamos assim, mesmo quando nos pomos de acordo, e nossos contemporâneos vivem assim, mesmo se não se ocupam da ciência, do direito ou da filosofia? Eis-nos todos mergulhados na certeza de que o universo e nós formamos grupos separados. Subjetivo, objetivo, frente a frente, de costas um para o outro.

Este tipo de jogo a dois nos reagrupa. Guerras, conflitos, oposições, debates, eleições, lutas pelo poder, encontros esportivos... pensamos, vivemos fascinados pelos jogos a dois, que acabaram por formar, pouco a pouco, o espetáculo que, doravante, nos junta. Não saímos ainda da

Caverna, onde assistimos, bestificados, a essas representações, toxicômanos da questão: quem, dos dois, vai ganhar?

Este jogo a dois, este espetáculo... nem sempre definiu o Ocidente; nem sempre constituiu sua base comum; ele conheceu, às vezes, oponentes ou, ao menos, heréticos. Enquanto alguns filósofos o construíam pouco a pouco: Platão, São Tomás de Aquino, Descartes, os filósofos das Luzes, o *primeiro* Auguste Comte... pensadores ou escritores como os estoicos, São Francisco de Assis, o *segundo* Auguste Comte, Bergson, Proust ou a própria Virginia Woolf, estes mais animistas, ou o próprio La Fontaine, este totemista... se empenhavam, sem esperança, em tornar possíveis outras atitudes, outras visões de mundo que não esse jogo a dois.

Para eles, para mim, o por si se mistura, aos baldes, ao em si; o em si inunda o por si. Por toda parte, a entropia e a informação se juntam; existe informação, macia, na natureza, e entropia, dura, em nossas instituições e em nossos sonhos, lagos de macio no duro, continentes de duro no macio. Sábios e pensadores, acabamos de descobrir um mundo, duro certamente, mas também denso de códigos e decodificações, praticando, por si só, a escrita, a leitura, a memória e a lembrança, dotado, pois, de informação; nossas ciências não param, hoje, de descrever essas regiões, vaporosas, de macio no núcleo duro das coisas. Todos os nossos saberes, sem o saberem ainda, abandonam a antiga separação e designam, ainda cegamente, uma outra visão. Reintegramos a natureza, renascemos com ela. Fazemos parte integrante do mundo; somos do mundo. De qualquer maneira, *não nos salvaremos sem ele*.

Que significa, de fato, de verdade, dizer que as moléculas codificam? Elas escrevem? Que os ácidos se replicam? Eles leem, imprimem? O que é a percepção senão uma *impressão* desse tipo: Que diferença separa nossa maneira de escrever e ler, quero dizer, de gravar traços sobre suportes e a estereoespecificidade dos compostos inertes ou vivos? Como compreender, em química, que as coisas reajam umas sobre as outras e não pelas outras?

Nossas ciências clássicas calculam as relações de potência, de energia, as forças e as causas dos movimentos. Elas continuam, neste caso, na escala dita entrópica. Mas descrevem hoje, além disso, e em todas as coisas, um armazenamento, emissões e recepções, do tratamento da

informação. Elas mostram que esse macio penetra o duro. Elas descobrem um mundo, uniformemente inerte, vivo e humano, por onde passam mensagens em miríades, emitidas, recebidas, tratadas, armazenadas.

Decididamente, abandono São Tomás por São Francisco, a *Suma* pelos *Fioretti*, Descartes e o primeiro Augusto Conte por Bergson e Woolf. Da mesma maneira que nossos saberes caminham para um conhecimento unificante, da mesma maneira que a filosofia, hoje, deve explorar outras soluções que não aquela que, sem dúvida, nos arrasta para a morte. Morremos, com efeito, por nos separarmos do mundo; morremos, seguramente, por separar a natureza das culturas. O *Terceiro instruído*³⁹ diz que a divisão do saber entre ciências duras e humanas conduz à estupidez; mas a estupidez nunca matou ninguém, do contrário os cadáveres nos atravancariam; o *Contrato natural* se abre para uma outra maneira de estar-no-mundo.

Eis-me, pois, em direção à pesquisa de outras culturas, de outras filosofias, de outras visões do mundo, de outras maneiras de viver, de saber, de crer, de se conduzir e de viver juntos, de outras políticas também. Viver conforme à natureza, diziam os antigos. Ou seja, reinventar o sentido contemporâneo dessa conformidade.

Não, certamente, não correrei para me prostrar diante do pôr do sol nem me angustiarei ao primeiro eclipse; não rezarei, fora, à alma do mundo. Não acredito, por um só minuto, que os objetos do mundo tenham intenções maléficas ou que tenham influência sobre o meu destino. Não. *Pretendo apenas que as ideologias, as visões do mundo, até as religiões... têm sentido no que elas dizem, mas se tornam rapidamente insensatas quando interditam ou excluem.* A incontestável fecundidade, racionalista, tática, local, da separação de que eu falava deve muito, na verdade, à distinção que essa visão enuncia e pratica entre a ação cognitiva do subjetivo e a passividade de uma conhecível objetividade. Mas, ao mesmo tempo subvertendo o duro, passivo, na verdade – por que se incomodar com o em si? – seu reducionismo corre em direção a uma poluição, em direção a uma pilhagem, que, ameaçados de morte, não podemos mais prolongar, e que as outras visões, tal como o animismo, em vez disso, limitariam. Não me fecho mais, doravante, a outras visões do mundo.

Num outro, mas semelhante contexto, pretendi, outrora, que a prática da geometria e dos números levava ao realismo à maneira de Platão, mas a da álgebra, em vez disso, a um nominalismo... como se existisse uma filosofia regional associada às disciplinas diferentes das matemáticas. Persisto e assino. Reivindico, pois, o direito a trocar *ad libitum* de metafísica. Variável, duro e macio, o real me chama em direção a céus diversos. Recuso-me a permanecer escravo de um formato. Pois que ele se fixa e se torna uma ideologia. Nem sectário nem sectador, tenho, hoje, necessidade de um animismo para compreender a ciência, o trabalho e o mundo contemporâneos. Volto-me para ele sem vergonha.

Num livro recente, cito, com mais detalhes, a classificação de Philippe Descola, que ordena as culturas segundo quatro visões de mundo – animismo, totemismo, analogismo, naturalismo... – nas quais, por minha vez, reconheço escolhas e obras, filosofias e literaturas que modelaram o Ocidente, assim como modelaram meu estilo de vida e minha maneira de conhecer.

Eis aí quatro hipóteses. Por que a filosofia não se entregaria a hipóteses, como fazem as disciplinas científicas? *Tal como outrora a astronomia, a minha admite a equivalência dessas hipóteses.* Entre os quatro caminhos, escolho, pois, sem pressa, aquele de que preciso. Por que o real não convidaria ao animismo, ao totemismo... em parte ou cada um por sua vez? Aristóteles, Leibniz, Lineu ou Bergson... não decidiram assim?

O real está religado. Mais ou menos do que racional, ele é relacional. Sem ligações, ele não existiria. Não dominamos todas essas relações, muito longe disso; se dominássemos, o racional sofreria. Possa eu, um dia, descobrir o terreno comum sobre o qual essas quatro bases – ou mais – se fundam ou, melhor ainda, mudá-lo, e a partir do qual eu poderia dirigir minha vida natural e reflexiva, sem pressa, em direção a outras formas, sentidos ou direções. Esse foco de onde emergiriam, como de uma ilha virgem, diversas maneiras de ligar os homens e as coisas do mundo, brilha como uma *religião, significando essa palavra a ligação de todas as hipóteses entre elas?*

O real, enfim, religado.

Diante do Farol da Ilha Virgem, julho de 2007

[Uma versão em inglês, ligeiramente diferente, com o título “Feux et Signaux de Brume: Virginia’s Woolf Lighthouse”, foi publicada na revista *Substance*, n. 116, 2008, p. 110-131.]

[Originalmente publicado na revista *L’Herne*, número especial sobre Michel Serres, 2010, p. 203-215. Publicado aqui com autorização da revista.]



“O tempo passa”: a história
de uma outra versão

James M. Haule

O rascunho de “O tempo passa”, a seção central de *Ao Farol* de Virginia Woolf, foi concluído em 25 de maio de 1926 ou em torno dessa data (Woolf, 1980, p. 88). O romance inteiro só foi submetido à avaliação do marido, Leonard Woolf, em meados de janeiro de 1927 (*ibid.*, p. 123). Alguns dos meses entre uma data e outra foram utilizados para revisar e corrigir essa seção, que Virginia considerava problemática. Até agora [1983], o único rascunho existente era o manuscrito conservado na Coleção Berg da Biblioteca Pública de Nova York. Uma versão do texto fora publicada, em tradução para o francês, feita por Charles Mauron, na revista literária francesa *Commerce*, em janeiro de 1927. Supunha-se que o texto publicado na revista fosse apenas uma tradução da versão que faz parte do manuscrito de *Ao Farol*. Um exame mais detido revela, entretanto, que é mais do que isso. Virginia Woolf claramente produziu uma versão revisada da seção central do manuscrito para a publicação na revista. Ela iria revisá-la, uma vez mais, para a publicação, em sua forma final, em *Ao Farol*.

Entretanto, no processo de preparação da tradução francesa para ser republicada como anexo ao presente artigo, veio à luz a cópia datilográfica feita por Virginia Woolf para ser enviada a Charles Mauron. Claramente datilografado pela própria Virginia, com alterações de última hora feitas à mão, esse texto é, sem dúvida, uma versão intermediária, situada entre o manuscrito original e as primeiras edições do romance, a britânica e a americana. Também foram reveladas duas cartas inéditas de Virginia Woolf para Charles Mauron, que lançam alguma luz sobre a natureza do texto e o sentimento de Virginia a seu respeito. A primeira delas, datada de 16 de outubro de 1926, escrita a tinta, é a carta inicial da consulta feita a Charles Mauron:

52 Tavistock Square, Londres, WC1

Prezado Sr. Mauron,

A Princesa de Bassiano⁴⁰ solicitou-me que sugerisse um tradutor para um capítulo de um livro meu a ser publicado, em janeiro, na revista *Commerce*. O Sr. Forster aconselhou-me a perguntar-lhe se o senhor o faria, uma vez que ele admira muito sua tradução de *Uma passagem para a Índia*. Eu disse à Princesa que se o senhor estiver disposto, eu preferiria que fosse ela a pedir-lhe, e espero muito que o senhor concorde caso ela lhe escreva. O texto tem cerca de 7.000 palavras.

Posso dizer-lhe o quanto os ensaios de sua autoria que estamos publicando na Hogarth Press têm me interessado? Quero lê-los novamente, mas à primeira leitura eles me parecem plenos de coisas interessantes e importantes.

Sua sinceramente,

Virginia Woolf⁴¹

Esta carta confirma que o texto a ser traduzido é parte de um romance em elaboração e não faz qualquer referência ao problema que sua composição continuava a lhe causar. Roger Fry, que encorajou a publicação, viu a tradução antes que ela fosse publicada. Ele enviou à revista as provas tipográficas revisadas por Virginia e escreveu para Marie Mauron, a mulher do tradutor, em 21 de dezembro de 1926, com algumas observações críticas:

Enviei as provas de Virginia Woolf às pressas e sem acrescentar nenhum comentário para não perder o correio. Espero que esteja tudo bem. Meu Deus, como ela é difícil de traduzir, mas acho que Charles conseguiu, de maneira maravilhosa, manter o clima. Para dizer a verdade, não acho que esse texto esteja entre os melhores de sua autoria. Observei uma peculiaridade. Ela é esplêndida sempre que um personagem está envolvido – mas quando ela tenta dar a impressão de objetos inanimados, ela exagera, ela enfatiza, ela poetiza um pouco. Senti, várias vezes, que ficou melhor na tradução, porque na tradução tudo está levemente reduzido, menos acentuado e, em geral, melhor. [...].⁴²

A própria Virginia admitia ter dificuldades com essa seção enquanto trabalhava no primeiro rascunho. Em 15 de maio de 1926, escreveu a Edward Sackville-West para cancelar um encontro porque estava tomada pelo “sentimento de que não consigo – a verdade é que estou toda confusa tentando fazer uma coisa difícil em meu romance [a seção “O tempo passa”] (Woolf, 1978, p. 272-273). Com a publicação de “O tempo passa” em sua tradução francesa, ela escreveu novamente para Edward para dizer que estava “feliz, mas surpresa, por você gostar de ‘O tempo passa’”. Pensei que, entre a Princesa de Bassiano e o tradutor, o texto tivesse resultado numa confusão irreparável e estava muito envergonhada para poder lê-lo.” (Woolf, 1978, p. 315-316). O registro que fez no seu diário em 12 de fevereiro de 1927 indica que ela estava ciente das críticas de Fry e que não deixava de ter sido afetada por ela:

Vejo que os primeiros sintomas de *Ao Farol* não são favoráveis. Está claro que Roger não gostou de “O tempo passa”. Harpers e o Forum negaram-se a pagar direitos autorais

por uma única e primeira publicação; Brace escreve a seu respeito, acho, com muito menos entusiasmo do que o fizera quando da publicação de *Mrs Dalloway*. Mas essas opiniões referem-se à cópia não revisada (Woolf, 1978, p. 315-316).

Mesmo após a publicação de *Ao Farol* (5 de maio de 1927), Virginia se mostra particularmente sensível a referências à seção central do romance. Em sua carta de 15 de maio de 1927 a Lady Ottoline Morrell, ela diz:

[...] estou muito contente por você ter gostado de partes de *Ao Farol* – aceito tudo isso com gratidão e humildade. Ouso dizer que se trata de lisonja, mas gosto tanto que a aceito de qualquer forma. Agrada-me especialmente que você tenha gostado de “O tempo passa” – deu-me mais trabalho que todo o resto do livro junto, e eu temia que não tivesse ficado bom (Woolf, 1980, p. 127).

Em carta inédita de março de 27 de março ao tradutor, Virginia confessa esses temores, embora admita não ter visto a tradução francesa (refere-se agora a essa versão como “história” e não mais como um capítulo do livro):

27 de março de 1927

52 Tavistock Square, WC1

Sr. Mauron,

Lamento nunca ter-lhe escrito para agradecer-lhe pela tradução de minha história na revista *Commerce*. A verdade é que tive de alterar um capítulo de um romance para a Princesa, e desagradou-me tanto que, ao terminá-lo, relutei muito em lê-lo novamente. Também lamento que o senhor tenha posto tanto empenho num trabalho que não parece valer o seu esforço. Dizem-me agora que não é tão ruim quanto eu temia; e tenho certeza que devo isso ao senhor. Por favor, perdoe-me por ter levado tanto tempo para escrevê-lo.

Sinceramente sua,

Virginia Woolf⁴³

O *Diário* e as *Cartas* apresentam ampla evidência não apenas das dificuldades e das apreensões de Virginia, mas também de suas repetidas tentativas de revisão do texto. A tradução de Mauron, como podemos agora ver, foi feita a partir de uma versão consideravelmente diferente da primeira edição (seja a britânica, seja a americana) e também difere substancialmente do manuscrito. A constante e, às vezes, difícil revisão, não era incomum para Virginia; a publicação da versão provisória da seção de um romance era. Se, de fato, Virginia estava tão perturbada por essa seção, se, de fato, sentiu a necessidade de revisá-la substancialmente antes

de deixar que Leonard fizesse uma primeira e crucial leitura, por que decidiu publicar uma parte do romance num estado inacabado? Virginia Woolf era uma consumada artesã, incapaz de descansar enquanto não estivesse inteiramente convencida de que seu trabalho estava no mais perfeito estado. Há abundantes evidências desse fato. Louise DeSalvo nos deu um dramático relato de suas dolorosas revisões de *A viagem* antes e até mesmo depois de sua publicação inicial, e Grace Radin descreveu as igualmente dolorosas revisões de *Os anos* (DeSalvo, 1980, 1981; Radin, 1981). Por que, então, Virginia decidiu publicar parte de um romance ainda não concluído e por que essa parte específica?

Embora seja tentador fazer especulações psicológicas a respeito dessas questões, a existência do manuscrito na Coleção Berg, a revelação da cópia datilográfica feita para a tradução ao francês, a tradução em si e as edições publicadas (a britânica e a americana) nos propiciam material para uma avaliação mais substancial. Em sua exemplar edição dos *Diários*, Anne Olivier Bell arrisca uma conclusão preliminar. Ela vê as diferenças entre a tradução e as variantes da edição americana e da britânica como o resultado da reação de Virginia à mencionada crítica de Roger Fry. Numa nota ao registro do dia 12 de fevereiro de 1927 dos *Diários*, ela conclui que

[...] várias cópias de prova tipográfica foram feitas pela firma R. e R. Clark, de Edimburgo, e três, ao menos, foram enviadas para os Estados Unidos. Há discrepâncias entre os textos da edição britânica e da americana (impressa pela firma Quinn & Boden, de New Jersey, para a editora Harcourt Brace), notavelmente na seção “O tempo passa”. Parece, assim, provável, particularmente em vista da mencionada opinião de Roger Fry, que Virginia Woolf fez correções em sua cópia da prova tipográfica, as quais foram efetuadas por R. e R. Clark, mas não foram passadas à editora americana; dessa forma, apenas a edição britânica incorpora a sua revisão final (Woolf, 1980, p. 127-128).

Embora haja alguma evidência, como veremos, de que Woolf reagiu, de fato, às opiniões de Fry, a cópia datilográfica e a tradução de Mauron não fornecem evidências convincentes da precedência de qualquer das duas edições publicadas. As diferenças substanciais entre a cópia datilográfica e o texto de qualquer das duas edições indicam que muitíssimas mudanças foram efetuadas em ambas as edições.⁴⁴ Infelizmente, todas as provas tipográficas foram perdidas. Isso torna a cópia datilográfica ainda mais

valiosa. Ela se situa entre o manuscrito e as duas edições publicadas, como uma espécie de texto intermediário, dando-nos a oportunidade de ter uma ideia das mudanças de abordagem e de personagens que Virginia sentiu-se obrigada a fazer. A natureza dessas mudanças torna-se imediatamente visível quando a cópia datilográfica é lida em comparação com os outros textos existentes. É dessa forma que começamos a ver o que Virginia Woolf achou tão “difícil” e por que a publicação da tradução parece ter exercido um papel na solução de alguns dos problemas que ela enfrentava.

Lendo-se o texto da cópia datilográfica e sua tradução francesa torna-se logo evidente uma diferença fundamental entre essa versão e as duas versões publicadas do romance: os personagens tão cuidadosamente desenvolvidos nas seções denominadas “A Janela” e “O Farol” estão ausentes da versão datilográfica. Além disso, o texto da cópia datilográfica inicia com aquilo que se tornaria o capítulo 2 da parte central do romance. Inicia com a escuridão (“Escurecia.”) e não com a extinção gradual da luz que, no texto da edição publicada do romance, ecoa nos breves fragmentos de conversa concedidos ao Sr. Bankes, a Andrew, a Prue e a Lily. O capítulo 1 das duas edições finais deixa uma luz tremulante, a do Sr. Carmichael, desperto, com seu Virgílio. A cópia datilográfica começa sem nenhuma menção a personagens específicos e sem nenhuma sugestão de luz. Demora-se, em vez disso, em “confidentes espectrais” que acompanham as visões e os gritos de sonhadores não identificados. A pergunta que os adormecidos fazem à água e ao céu (“isso é tudo, o dia”) é respondida pelo vento no terceiro parágrafo. Esse parágrafo contém uma pungente identificação da água com a noite, e do vento com uma impotência que leva a uma confrontação com o nada (Por que [...], se, em verdade, [...] urdimos essa vestimenta para nada?). Também estão ausentes os muitos comentários, feitos entre colchetes, sobre a sorte da Sra. Ramsay, de Prue, de Andrew, do Sr. Carmichael, e sobre a chegada de Lily Briscoe (e, na edição da Hogarth, do Sr. Carmichael, “pelo mesmo trem”), na conclusão da seção central.

O acréscimo de personagens de “A Janela”, a supressão das presenças espectrais em favor de presenças reais e o comentário direto sobre a destruição imposta pelo tempo e pelas circunstâncias à família e às suas

posses são uma resposta direta às objeções de Fry. Deve-se observar, entretanto, que Virginia começara esse processo de revisão antes que Fry pudesse ver o manuscrito que iria se transformar na versão da cópia datilográfica. Por exemplo, o terceiro parágrafo da versão da cópia datilográfica, notável pelo desespero e pela inutilidade do esforço humano, é consideravelmente mais longo no manuscrito. O parágrafo que o precede foi também bastante modificado. O ponto crucial, neste caso, não são tanto as mudanças específicas (uma lista completa exigiria um extenso estudo) quanto a clara intenção de diminuir, de reduzir, o nível de abstração e desespero. Certamente, parte da razão pode muito bem ter sido o desejo de Virginia de modificar o manuscrito para satisfazer, em tamanho e tom, as exigências da publicação em revista. Isso poderia facilmente ter tido algum peso em mudanças como essas.

Uma explicação mais abrangente e que é encorajada por outras mudanças a serem registradas em seguida, é que, enquanto Virginia Woolf estava às voltas com a forma e o formato, ela se deu conta de que boa parte do que fizera no manuscrito não se ajustava ao romance que estava escrevendo. Tanto o manuscrito quanto a cópia datilográfica constituem expressões muito pessoais. Para usar o termo pouco atrativo utilizado por Fry, ela “poetiza” aqui e ali, num esforço para atingir uma afirmação sobre a realização humana mais universal do que os temores do Sr. Ramsay sobre o esquecimento intelectual e a luta de Lily Briscoe para atingir uma forma significativa. O manuscrito era visivelmente intenso e abstrato demais. Seu foco era tão acentuado que o separava quase inteiramente do romance que ela tinha começado de forma tão diferente. Antes que fosse seriamente alterado para se tornar parte integral de *Ao Farol*, entretanto, ela decidiu modificá-lo para a publicação na revista *Commerce*. Parece, assim, provável que Virginia visse a publicação num periódico como uma maneira de apresentar uma versão de toda a seção central de uma forma que transmitisse sua intenção original: uma declaração separada, mas importante, de crença e descrença. Não se tornara o “corredor” entre as duas grandes seções do romance que ela esboçara em seus cadernos de notas.⁴⁵ Tornara-se algo mais. Ao publicar essa seção com a ajuda de Roger Fry e ao publicá-la em tradução, ela não apenas a viu em forma

impressa, mas também conseguiu algo mais. Ela a pôs nas mãos de um crítico que admirava e, em virtude de suas sérias apreensões sobre essa seção, reduziu o risco do impacto desfavorável daquilo que ela temia ser uma “irreparável confusão”, ao publicá-la em uma língua que não o inglês.

Embora as intenções de Virginia não possam ser conclusivamente demonstradas a partir da evidência textual que temos diante de nós, certamente a velocidade de seu processo de composição e o cuidado de suas repetidas revisões tornam improvável que a opinião de Fry sobre uma parte de sua composição tenha exercido uma influência devastadora. Há alguma evidência textual em apoio dessa afirmação. O único elemento elogioso de Fry centrava-se na personagem da Sra. McNab. No manuscrito, a descrição da “velha zeladora” que Fry acha “maravilhosa” é quase idêntica à passagem correspondente na versão confiada à tradução francesa. Há alguma descrição adicional no manuscrito que não é repetida na versão da cópia datilográfica, mas ele é, sob quase todos os aspectos, o mesmo texto.

A Sra. McNab da versão datilográfica é, como se pode ver particularmente no capítulo 4, dez anos mais velha do que nas edições publicadas, sendo-lhe permitido algum grau de perdão (“seu perdão a tudo isso”) pelas injustiças cometidas contra ela (“que fora pisoteada na lama por gerações, que tinha servido de capacho para reis e rainhas”). O segundo parágrafo do capítulo 4, seguindo muito estreitamente o manuscrito, é quase inteiramente eliminado nas versões publicadas. Virginia reduziu consideravelmente a estatura dessa “maravilhosa” personagem entre a versão datilográfica e as versões publicadas. A “mensagem para um mundo” da Sra. McNab é, originalmente, “mais confusa, mas mais profunda” que as daqueles “contempladores solitários” que “palmilham a praia à meia-noite” e recebem “revelações de um tipo extraordinário”. O problema não é de visão, mas de voz e compreensão. As “sílabas quebradas” compartilham uma unidade com toda a natureza, com balidos e botões. Elas excedem a significação dos doutos e assim seriam reverenciadas se apenas fossem notadas (“se fosse possível lê-la”).

As duas edições publicadas dessa parte diferem, nesse caso, apenas levemente da versão datilográfica. A Sra. McNab que apresentam é pouco

mais do que uma deplorável faxineira que “continuava a beber e a tagarelar como antes” (final do capítulo 5). Virginia Woolf mantém esta frase intacta e transforma algumas outras que aparecem antes dela no manuscrito e na cópia datilográfica, cortando inteiramente o resto. A sabedoria, o possível perdão, até mesmo a extensão da vitimização de McNab são retirados. Dificilmente trata-se do tipo de alteração que poderíamos esperar de alguém que tivesse se dobrado à crítica de Fry; é, na verdade, exatamente o contrário.

O que a cópia datilográfica documenta, de forma especialmente persuasiva, não é a consideração dada por Virginia a um conselho (embora indireto) de um amigo, mas a sua própria ideia de controle autoral. Uma Sra. McNab, apresentada com detalhes que a dotam de sabedoria, compaixão e dignidade universal, é uma personagem mais interessante, mas também uma personagem que diminui em vez de aumentar a força da seção central: a passagem do tempo e seu impacto sobre o significado das coisas. Virginia Woolf elimina uma parte crucial de sua “maravilhosa” caracterização no processo de criar algo mais: um mergulho direto, de cabeça, nos dez anos de desintegração. Ela cria o seu corredor, finalmente, ao estreitar a corrente de suas palavras e ao aumentar a sua força. Ela liga os eventos físicos com os personagens, de uma maneira que lembra vagamente a seção “Aeolus” de Ulisses, transmitindo, através de observações laterais que podem ser lidas como manchetes de jornal, os eventos trágicos e os eventos banais de personagens familiares.

Há outros e numerosos exemplos de passagens na cópia datilográfica que representam porções modificadas do manuscrito que não sobreviveram às revisões finais: observe-se o terceiro, o quarto e o quinto parágrafos do capítulo 2; o primeiro parágrafo do capítulo 5; e grande parte do terceiro e quarto parágrafos do capítulo 8. A maioria dessas mudanças reflete o desejo de Virginia de reduzir a ênfase nas inominadas e espectrais presenças que constituem uma parte tão eloquente da versão original dessa seção. Sua sujeição à representação abstrata da desintegração e do desespero humanos e suas precisas descrições da importância de um trabalho considerado pouco importante cedem lugar a uma abordagem mais controlada, mas imagística. Esse é, talvez, o maior

testamento do impacto de Roger Fry. Não foi tanto a sua crítica dessa seção que ajudou a transformá-la quanto sua visão da forma espacial. Em *Virginia Woolf: The Echoes Enslaved*, Allen McLaurin observou exatamente isso:

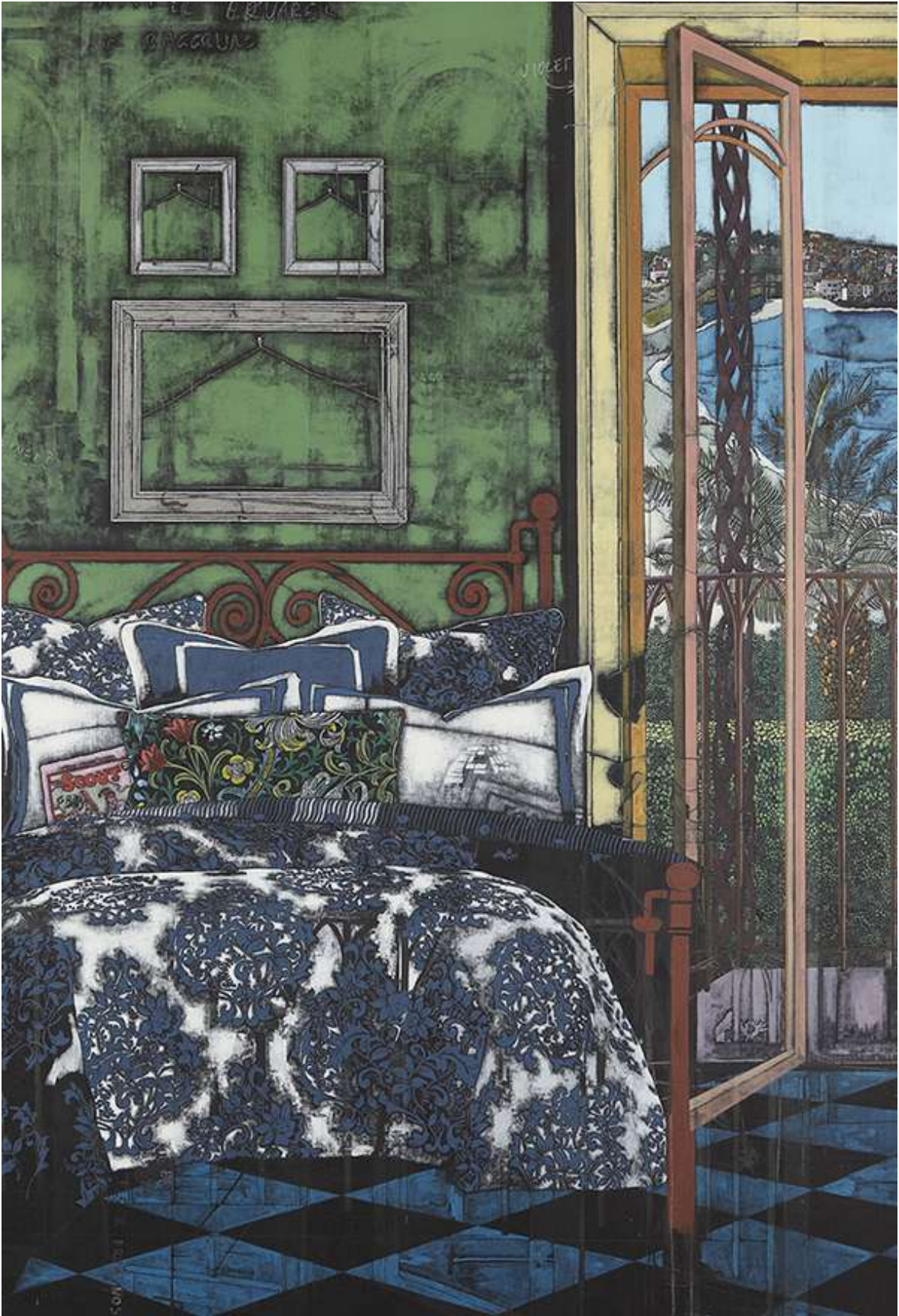
Virginia Woolf tenta [...] simular certos aspectos espaciais das artes visuais. Isso foi tentado algumas vezes no passado pelo uso de artifícios tipográficos, mas é difícil fundir as duas artes dessa forma. Em *Ao Farol*, o uso de colchetes e de parênteses não pode ser descrito simplesmente como um artifício tipográfico, embora isso certamente faça parte do livro. Virginia Woolf usa os parênteses e os colchetes como algo mais que um artifício no romance, pois a forma toda pode ser vista como um parêntese. A primeira e a última seções, por serem paralelas, funcionam como colchetes colocados ao redor da seção central, “O tempo passa” (McLaurin, 1973, p. 198).

Vendo o romance como uma “forma total”, McLaurin liga essa seção com o problema da forma da pintura enfrentado por Lily Briscoe: “a minúscula seção central é como um linha vertical, bem como um espaço vazio colocado entre colchetes entre a primeira e a última seções.” Sua intenção é, assim, “fazer com que o romance fique o mais próximo possível do efeito visual de uma pintura” (*ibid.*, p. 199).

É dessa forma que a transformação feita por Virginia, do manuscrito para a cópia datilográfica e, depois, para as versões finais publicadas, é significativa. Seu desejo de explicar dá lugar a um impulso mais poderoso para demonstrar, para representar a escuridão e o poder da compreensão humana. É uma lição que ela aprende continuamente em seu trabalho, desde *A viagem* até o último rascunho finalizado de *Entre os atos*. Possivelmente, em nenhum outro lugar isso é mais evidente do que no romance que ela iria publicar quatro anos mais tarde (*As ondas*), no qual o personagem universal e o evento específico se combinam para criar sua mais dramática afirmação do poder e do desespero inerentes em nossa tentativa para construir um mundo de experiência e sensação que possamos compreender.⁴⁶ A cópia datilográfica e a tradução de Mauron documentam a sua luta para atingir, mais uma vez, essa visão. Seu êxito final é um testamento não apenas de sua perseverança e inteligência, mas também de sua enorme fé na arte e na vida.

Referências

- DeSALVO, Louise A. *Virginia Woolf's First Voyage: A Novel in the Making*. Totowa, NJ: Rowman and Littlefield, 1980.
- DeSALVO, Louise. *Virginia Woolf's Melymbrosia: An Earlier Version of The Voyage Out. A Scholar's Edition*. Nova York: New York Public Library & Readex Books, 1981.
- FRY, Roger. *Letters*. v. II. Londres. Org. Denys Sutton. Londres: Chatto and Windus, 1982.
- HAULE, James M. *A Concordance to To the Lighthouse by Virginia Woolf*. Org. James M. Haule e Philip H. Smith, Jr. Oxford: Oxford Microform Publications, 1983.
- McLAURIN, Allen. *Virginia Woolf: The Echoes Enslaved*. Cambridge: Cambridge University Press, 1973.
- RADIN, Grace. *The Years: The Evolution of a Novel*. Knoxville: University of Tennessee Press, 1981.
- WOOLF, Virginia. *To the Lighthouse*. Londres: Hogarth Press, 1927.
- WOOLF, Virginia. *To the Lighthouse*. Nova York: Harcourt, Brace, Jovanovich, 1927.
- WOOLF, Virginia. *The Waves. The Two Holograph Drafts*. Toronto: University of Toronto Press, 1976.
- WOOLF, Virginia. *The Letters of Virginia Woolf*. v. III. Org. Nigel Nicolson e Joanne Trautmann. Nova York: Harcourt, Brace, Jovanovich, 1978.
- WOOLF, Virginia. *The Diary of Virginia Woolf*. v. III. Org. Anne Olivier Bell. Nova York: Harcourt, Brace, Jovanovich, 1980.
- WOOLF, Virginia. *To the Lighthouse. The Original Holograph Draft*. Transcr. e org. Susan Dick. Toronto and Buffalo: University of Toronto Press, 1982.
- [Originalmente publicado em *Twentieth-Century Literature*, v. 29, n. 3, outono 1983, p. 267-311. Publicado aqui com autorização da revista. O texto original é acompanhado da versão em inglês de "O tempo passa" comentada no artigo e da tradução francesa de Charles Mauron publicada no número de janeiro de 1927 da revista *Commerce*. Trata-se da primeira republicação do texto traduzido e da primeira publicação do original em inglês.]



Posfácio

Tomaz Tadeu

No final de 1926, quando Virginia Woolf estava terminando a escrita de *Ao Farol*, a Princesa de Bassiano (1880-1963), fundadora e diretora da revista literária francesa *Commerce* encomendou-lhe um texto para ser publicado no número que sairia no início do ano seguinte. Virginia enviou-lhe, então, uma versão da seção central do romance, intitulada “O tempo passa”, que difere, sob vários aspectos, da versão que seria incorporada ao livro. Traduzida por Charles Mauron (1899-1966), crítico literário de inclinação psicanalítica, o texto foi publicado no número da revista que saiu em março de 1927.

Aparentemente, Virginia enviou a Charles Mauron, em folhas datilografadas por ela própria, uma versão preparada especialmente para a revista, que difere substancialmente da versão contida no manuscrito do livro. James M. Haule, que descobriu a existência da cópia datilografada da versão que foi enviada a Charles Mauron para ser traduzida, especula, em texto que publicamos no presente livro, sobre as razões que levaram Virginia Woolf a produzir um texto tão modificado para a revista francesa. Quaisquer que sejam elas, entretanto, a verdade é que Virginia tinha em mente apresentar à revista um texto que tivesse uma certa autonomia. Em uma das cartas trocadas com Charles Mauron, ela chega a se referir ao texto não como uma versão do capítulo do livro a ser publicado, mas como uma “história” autônoma.

É justamente essa autonomia que justifica a tradução do texto enviado à revista *Commerce* numa edição separada, tal como fazemos agora. Os leitores poderão fazer sua própria comparação com a versão do livro na tradução de *Ao Farol* (Autêntica, 2013).

A presente edição se completa com dois outros textos: o artigo já mencionado de James M. Haule, em que ele analisa as principais diferenças entre a versão do manuscrito e a versão datilográfica, e um ensaio de Michel Serres sobre “O tempo passa”, a seção central de *Ao Farol*. Serres escreveu seu ensaio tendo em mente a versão publicada no livro. Não sabemos se ele tinha conhecimento da existência da versão da revista *Commerce*. De qualquer maneira, ele não lhe faz qualquer menção.

Como se verá, é realmente possível ler “O tempo passa”, na versão aqui publicada, como se fosse um texto independente, sem ter lido o livro

inteiro. Entretanto, um breve sumário de *Ao Farol* pode ser de alguma ajuda.

Na primeira parte, intitulada “A Janela”, que se passa durante a segunda metade de um dia de um ano indeterminado, mas não muito anterior à Primeira Guerra Mundial, a família Ramsay (o Sr. Ramsay, a Sra. Ramsay, e oito filhos) desfruta o último dia de sua temporada de verão na praia de uma das Ilhas Hébridas, na costa da Escócia, juntamente com alguns hóspedes, entre eles a pintora Lily Briscoe, envolvida na pintura de um retrato da Sra. Ramsay com seu filho James. O mote dessa seção é o desejo de James de fazer uma viagem de barco ao Farol situado diante da ilha, desejo que, entretanto, não se realiza devido ao mau tempo. “A Janela” termina com um jantar que a Sra. Ramsay oferece às suas visitas.

Com os Ramsay ausentes, a seção central “O tempo passa” descreve, essencialmente, a casa desabitada sofrendo, em acelerada deterioração, a ação dos elementos. Enquanto seres espectrais dormem nos leitos, fazendo escapadas ocasionais à praia, e a Sra. McNab, a zeladora, prepara a casa para a volta dos donos e de algumas das antigas visitas, somos informados (na versão publicada em *Ao Farol*), lacônica e brevemente, por notícias telegráficas postas entre colchetes, que morreram, nesse meio tempo, além da Sra. Ramsay, um filho e uma filha. Sabemos também que essa segunda seção cobre um período de dez anos, cuja parte final abrange os quatro anos da Primeira Guerra Mundial. Ao final, somos informados de que Lily Briscoe chega à casa, passados dez anos da primeira visita, para mais uma temporada de verão.

Na terceira parte, “O Farol”, James, finalmente, realiza, com o pai, a (outrora) desejada ida ao Farol. E Lily Briscoe dá, finalmente, os traços finais na pintura que deixara inconclusa na primeira parte.

As imagens que ajudam a compor o livro têm sua própria história. Em meio à preparação do livro, descobri que o pintor dinamarquês Jesper Christian Christiansen havia feito uma exposição, em maio-junho de 2012, na Galeria Mikael Andersen, em Copenhague, de um conjunto de pinturas justamente inspiradas em “O tempo passa”. Em correspondência trocada com o artista, ele imediatamente se dispôs a ceder as imagens, fotografadas por Jan Søndergaard, para fazer parte do presente livro. Sou-

lhe imensamente grato por sua generosidade. Nisso foi fundamental a ajuda de Philip Pihl, da Galeria Mikael Andersen.

Agradeço, finalmente, às Éditions de L'Herne, na pessoa de Nataly Villena, pela cessão dos direitos do ensaio de Michels Serres, e a Keith M. Dallas, da revista *Twentieth-Century Literature* (Hofstra University), pela cessão dos direitos do artigo de James M. Haule.

[\[47\]](#)

Notas

As notas de 1 a 39 são do tradutor. As restantes são dos respectivos autores.

[1] *Harvest moons*, no original. A *harvest moon* é a lua cheia mais próxima do equinócio de outono. Durante esse período, a lua dá a impressão de surgir na mesma hora e antes do habitual por vários dias consecutivos, proporcionando mais luminosidade durante o anoitecer. Esse fato permitia, antes da iluminação elétrica, que o trabalho de colheita se estendesse para além do desaparecimento da luz do sol.

[2] Possível alusão à figura mitológica de Filomela, princesa de Atenas, que fora estuprada pelo cunhado (Tereu) e fora, posteriormente, transformada num rouxinol pelos deuses do Olimpo. Poetas renascentistas teriam acrescentado à narrativa mitológica grega “a imagem de Filomela transformada em rouxinol encostando seu peito contra um espinho seja para acentuar sua dor, seja para aliviar seu sofrimento mais profundo por meio de uma dor menor” (Lutwack, Leonard. *Birds in Literature*. Miami: University Press of Florida, 1994, p. 3).

[3] Celebra-se no dia 29 de setembro e marca, no hemisfério norte, o início do outono, bem como do ano letivo nas escolas e universidades.

[4] *Tortoise shell butterflies*, no original. Parece haver duas espécies de borboleta que, em inglês, levam esse nome: a pequena (*Aglais urticae*) e a grande (*Nymphalis polychloros*). A tradução aqui adotada segue a denominação dada à primeira, num site português sobre borboletas.

[5] Alusão ao navio e à mancha que aparecem no penúltimo parágrafo do cap. V: “a silenciosa aparição de um navio colorido de cinza, por exemplo; uma espuma e uma mancha sobre a branda superfície do mar como se algo tivesse escumado e fervido e sangrado por debaixo”. Ou seja, à guerra.

[6] *Waverley* é o título de um romance da autoria de Walter Scott (1771-1832). Seus romances posteriores abordando um tema similar ficaram conhecidos como os “romances Waverley”.

[7] A expressão do título “faróis e sinais de bruma” é tradução de “*feux et signaux de brume*”. É utilizada para se referir ao conjunto das sinalizações de orientação marítima: “*feux*” refere-se aos sinais luminosos, aí incluídos os faróis, mas também luzes emitidas por outras embarcações, pequenas torres, boias, etc., enquanto “*signaux de brume*” remete aos sinais sonoros, utilizados sobretudo para advertir os navegadores em situações de baixa visibilidade.

[8] No original, “*doux*”. No texto, Serres faz referência constante ao contraste *dur/doux*. A predileção por esse contraste é antiga em Serres. É sua versão francesa para o contraste *hard/soft* da língua inglesa, utilizado sobretudo na distinção entre *hardware* e *software*. Na verdade, o contraste entre *hard* e *soft* de que Michel Serres tira proveito está enraizado justamente na distinção entre *hardware* e *software*, vinda da informática. A tradução de *hard/dur* não apresenta problema. Já a de *soft/doux* não é tão simples. A própria escolha de Serres para o equivalente francês de *soft* – *doux* – não cobre o mesmo campo semântico da palavra inglesa embutida em *software*. Se é difícil encontrar em português uma palavra que cubra o campo semântico do *soft* de *software*, é mais difícil ainda encontrar uma palavra que cubra *também* os sentidos introduzidos pelo

desenvolvimento conceitual da distinção *dur/doux*, efetuado por Serres. A tradução brasileira do livro *Os cinco sentidos*, em que Serres faz, talvez, sua exposição mais extensa dessa distinção, optou por *suave* para *doux*. Optei, aqui, por “macio”. Steven Connor, num ensaio dedicado à distinção entre *hard* e *soft* em Michel Serres, sintetiza-a assim: “Em sua forma mais simples, o contraste entre o *hard* e o *soft* refere-se à distinção entre o domínio da natureza, o objeto da atenção daquilo que chamamos as ‘ciências duras’, e o domínio da cultura. O *hard* significa o dado, em oposição ao feito. Significa o físico, em oposição ao conceitual. Significa o *hardware*, em oposição ao *software*. Significa o objeto, em oposição à ideia; a forma, em oposição à informação; o mundo, em oposição à palavra” (<http://goo.gl/rddp4>).

- [9] Refere-se aos oito filhos do casal Ramsay em *Ao Farol*.
- [10] *Ao Farol*, cap. 10, parte II. Passagem ausente da versão de “O tempo passa” aqui publicada.
- [11] *Ao Farol*, cap. 4, parte I.
- [12] Garonne – rio que passa por Agen, no sudoeste da França, local de nascimento de Michel Serres.
- [13] Parte da frase “*Memento, homo, quia pulvis es et in pulverem reverteris*”: “Lembra-te, homem, de que és pó e ao pó tornarás” (*Gênesis*, 3:19).
- [14] “O tempo passa”, na tradução aqui publicada, capítulo VIII.
- [15] Entropia negativa, como ficará claro ao longo do texto. O Aurélio e o Houaiss não registram a palavra. O Aulete, sim: “Num sistema, a função representativa do grau de ordem e de previsibilidade.” É também utilizada a forma “negentropia”.
- [16] *Ao Farol*, início do cap. 3, parte III.
- [17] SERRES, Michel. *Les cinq sens*. Paris: Grasset, 1985. *Os cinco sentidos*. Rio de Janeiro: Bertrand, 2001. Tradução de Eloá Jacobina.
- [18] SERRES, Michel. *Feux et signaux de brume*. Paris: Grasset, 1975.
- [19] Nome da propriedade onde vive, em seus últimos anos, o Doutor Pascal, personagem central de *Le Docteur Pascal*, último livro da série dos *Rougon-Macquart*, de autoria de Émile Zola (1840-1902).
- [20] O sul da França.
- [21] *Le rêve*, 16º romance da série dos *Rougon-Macquart*, de Émile Zola.
- [22] Refere-se, possivelmente, a um parágrafo do início de *O sonho*, em que a personagem principal do romance, Angélica, é descrita num cenário em que predomina o branco (neve; santas vestidas de branco; rosas brancas; a própria Angélica, criança de nove anos, coberta de neve, etc.).
- [23] *L'œuvre*, 14º romance da série dos *Rougon-Macquart*.
- [24] *Ao Farol*, final do cap. 2, parte I.
- [25] *Ao Farol*, cap. 17, parte III.
- [26] Refere-se ao personagem Augustus Carmichael, poeta, que ingere ópio.
- [27] “O tempo passa”, na versão aqui publicada, capítulo VIII.
- [28] “O tempo passa”, na versão aqui publicada, capítulo VIII.
- [29] “O tempo passa”, na versão aqui publicada, capítulo VIII.
- [30] Prato principal do jantar que a Sra. Ramsay oferece aos convidados, ao final da primeira parte de *Ao Farol*. Basicamente, é um cozido de carne bovina, preparado lentamente ao vinho, com vegetais, alho e ervas aromáticas.

[31] *Ao Farol*, final do cap. 19, parte I.

[32] *Ao Farol*, cap. 13, parte III.

[33] “O tempo passa”, na versão aqui publicada, capítulo I.

[34] De ageusia: perda do sentido do paladar (Houaiss).

[35] Referente a anosmia: diminuição ou perda absoluta do olfato (Houaiss).

[36] *Ao Farol*, final do cap. 9, parte I.

[37] *Ao Farol*, início do cap. 11, parte I.

[38] SERRES, Michel. *Le contrat naturel*. Paris: François Burin, 1990. *O contrato natural*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991. Tradução de Beatriz Sidoux.

[39] SERRES, Michel. *Le Tiers-Instruit*. Paris: François Burin, 1990. *Filosofia mestiça: o terceiro instruído*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992. Tradução de Maria Ignez Duque Estrada.

[40] Este texto foi escrito com a ajuda de Berry Fritz.

A Princesa de Bassiano (1880-1963) foi fundadora e diretora da revista *Commerce*. (N.T.)

[41] Esta carta foi gentilmente cedida pela Sra. Alice Mauron. Os ensaios que Woolf tanto admirava foram publicados com o título de *Nature of Beauty in Art and Literature* pela Hogarth Press. O livro era anunciado, na lista de publicações da primavera de 1927, como “uma original contribuição à estética”. Sou imensamente grato à Sra. Mauron por sua enorme compreensão e maravilhosa generosidade.

[42] Fry, 1988, p. 598. A razão para a urgência de Fry é revelada em cartas da Princesa Bassiano para Charles Mauron a respeito de sua tradução de “O tempo passa”. Com a gentil permissão da Sra. Alice Mauron, reproduzo aqui trechos delas:

Princesa Bassiano para Charles Mauron, de Versalhes

11 de novembro de 1926

[...] Eis aqui o texto da Sra. Woolf que acho admirável – muito difícil de traduzir, mas se há alguém que pode consegui-lo é certamente o senhor mesmo. Posso perguntar-lhe se é possível tê-lo pronto para o dia 15 de dezembro?

Princesa Bassiano para Charles Mauron, de Beauvallon

16 de dezembro de 1926

Poderia o senhor me dizer o título, em francês, do texto da Sra. Woolf e também o número aproximado de páginas que ocupará na revista *Commerce*? A composição será feita em letras romanas grandes. [...] Quando o senhor pensa terminá-lo? Peço-lhe que o envie diretamente ao Senhor Heret, Imprimerie Leve, 71, rue de Rennes, Paris.

Princesa Bassiano para Charles Mauron, de Beauvallon

20 de dezembro de 1926

[...] Faz-se urgente que o texto da Sra. Woolf seja enviado imediatamente para a impressão. Peço-lhe que, se o Sr. Fry ainda não o enviou, que lhe telegrafe a respeito dizendo-lhe que é extremamente urgente. É preciso que o texto seja publicado no final de janeiro. [...] O da Sra. Woolf é o único que falta. Estou ansiosa para ver a tradução feita pelo senhor [...].

Logo após a publicação na revista *Commerce*, no final de janeiro de 1927, a Princesa Bassiano escreveu a Charles Mauron uma carta sem data que dizia:

[...] Que maravilha de tradução. Acho que o senhor fez verdadeiramente o impossível. Estou certa de que a Sra. Woolf deve estar encantada. É certamente uma sorte ser traduzida dessa forma, o que não corresponde, infelizmente, à experiência de muitos escritores [...].

Virginia Woolf, apesar de suas apreensões, parece ter concordado com essa avaliação. Nas palavras de Quentin Bell: “A própria Virginia considerava que a tradução de Mauron passava o espírito do texto de uma forma que ela não tinha conseguido” (em carta a James, 13 de junho de 1983).

[43] A carta me foi gentilmente cedida pela Sra. Alice Mauron. A nota da Sra. Mauron que acompanha esta carta inclui as seguintes observações: “Carta datilografada, em papel azul-violeta. A data no alto e a assinatura estão escritas à mão (tinta violeta).”

[44] Um cotejo entre as duas edições (a britânica e a americana) de *Ao Farol* pode ser encontrado em Haule e Smith Jr. (1983). É interessante observar que o cotejo revela um número considerável de diferenças em todas as seções do romance. Claramente, mudanças no estágio de provas tipográficas não ficaram limitadas à seção central, “O tempo passa”. Cada uma das editoras responsáveis pela publicação do romance proclamam a sua própria edição como sendo a edição autorizada. Na ausência de provas, é difícil dar razão cabal a qualquer uma delas.

[45] Caderno de notas de Virginia Woolf, localizado na Coleção Henry W e Albert A. Berg de Literatura Inglesa e Americana da Biblioteca Pública de Nova York (Fundações Astor, Lenox e Tilden), assinalado como “Notas para escrita. Caderno de notas holográfico, sem assinatura, datado de março de 1922-1925”, p. 11. Com referência a *Ao Farol*, lê-se: “dois blocos reunidos por um corredor”, com um desenho similar a este: □□. Sou particularmente grato à Dra. Lola L. Szladits, Curadora da Coleção Berg, por me ter permitido o acesso ao arquivo Woolf. Quando este artigo estava para ser publicado, saía a público a edição dos manuscritos de *Ao Farol*, organizada por Susan Dick (Woolf, 1982).

[46] Ver Graham, 1976. Agradeço ao Professor Graham por sua ajuda e estímulo na preparação deste artigo.

[47] Há uma edição recente, bilíngue, com o original em inglês e a tradução francesa de Charles Mauron: WOOLF, Virginia. *Le temps passe*. Paris: Le Bruit du temps, 2010.

Copyright da tradução © 2013 Tomaz Tadeu
Copyright "Tempo, erosão: faróis e sinais de bruma" © Editions de l'Herne
Copyright "'O tempo passa': a história de uma outra versão" © Twentieth-Century
Literature, Hofstra University
Copyright das imagens © Jesper Christian Christiansen

TÍTULOS ORIGINAIS

"Time Passes" (Virginia Woolf) ; "Temps, usure: feux et signaux de brume" (Michel Serres);
"Le Temps passe" and the Original Typescript: an Early Version of the "Time Passes" Section of
"To the Lighthouse" (James M. Haule)

IMAGENS DE CAPA E MIOLHO

Pinturas de Jesper Christian Christiansen (exibidas em exposição da Galeria Mikael
Andersen, em Copenhague, entre 12 de maio e 16 de junho de 2012 e fotografadas
por Jan Sendergaard)

PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO ELETRÔNICA

Diogo Droschi

REVISÃO

Eduardo Soares

EDITORIA RESPONSÁVEL

Rojane Dias

Todos os direitos reservados pela Autêntica Editora. Nenhuma parte desta
publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos,
seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

AUTÊNTICA EDITORA LTDA.

Belo Horizonte

Rua Aimorés, 981, 8º andar . Funcionários
30140-071 . Belo Horizonte . MG
Tel.: (55 31) 3214 5700

São Paulo

Av. Paulista, 2.073, Conjunto Nacional, Horsa I,
11º andar, Conj. 1101 . Cerqueira César .
01311-940 . São Paulo . SP
Tel.: (55 11) 3034 4468

Teleendas: 0800 283 13 22

www.autenticaeditora.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Woolf, Virginia, 1882-1941.

O tempo passa / Virginia Woolf, Michel Serres, James M. Haule ; Tomaz Tadeu
(org.) ; tradução e notas Tomaz Tadeu. – Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2013.
-- (Mimo, 10)

Edição bilingue: português/inglês.

Bibliografia.

ISBN 978-85-8217-153-0

1. Ficção inglesa I. Serres, Michel. II. Haule, James M. III. Tadeu, Tomaz. IV.
Título. V. Título: Time Passes. VI. Série.

13-00820

CDD-823

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura inglesa 823